



Nadezhda Konstantinovna Krupskaya

A CONSTRUÇÃO DA  
PEDAGOGIA SOCIALISTA

expressão  
POPULAR

## SOBRE A QUESTÃO DA ESCOLA SOCIALISTA<sup>1</sup>

No Estado burguês – seja uma monarquia ou uma república, não importa – a escola é um instrumento de subjugação intelectual de amplas massas nacionais.

A finalidade da escola em tal Estado não é determinada pelos interesses dos estudantes, mas pelos interesses da classe dominante, isto é, pela burguesia, e os interesses de uns e de outros frequentemente são essencialmente bem diferentes.

O objetivo da escola condiciona toda a organização do trabalho escolar, todo o modo de vida da escola, todo o conteúdo do ensino escolar e da educação. Se procedermos de acordo com os interesses da burguesia, este objetivo vai ser diferente, variando na dependência de para qual segmento da população a educação se destina.

Se a educação se destina às crianças da classe dominante, ela terá o objetivo de preparar as pessoas capazes de deleitar-se com a vida e governar. Um exemplo típico desse tipo de escola é o chamado “ginásio rural” ou “novas escolas”, que surgiram

---

<sup>1</sup> *Educação pública*, 1918, n. 1-2. Publica-se pelo texto do Instituto de Marxismo-Leninismo, *N. K. Krupskaya: obras escolhidas*. Moscou: Politizdat, 1988.

agora em quase todos os países europeus, onde a aristocracia intelectual e rica educa seus filhos. O custo para se estudar em ginásios rurais é muito elevado. Eles normalmente estão localizados em ricas propriedades, e estão equipados com um conforto extraordinário, de acordo com a última palavra da ciência.

As crianças estão cercadas de cuidados e carinhos nessas escolas. Elas gozam de liberdade, autogoverno e confiança dos professores. Os melhores professores revelam aos seus olhos a beleza da natureza e da arte, introduzem-nas no santuário da ciência. O fortalecimento da saúde e da agilidade recebe atenção cuidadosa. Junto com isso, se esforçam para desenvolver nas crianças a vontade, a persistência em alcançar o objetivo traçado, a eficiência, a capacidade de gerenciar a si mesmas e aos outros. Ao mesmo tempo, os educadores procuram estabelecer nos estudantes uma base sólida de ideologia burguesa, fundamentá-la histórica, ética e filosoficamente. Isto é mais fácil nos ginásios rurais, pois as crianças estão afastadas da vida real e de suas tristezas, contradições e lutas. O companheiro de um menino que estuda no ginásio rural nunca poderá ser o filho de um operário, cuja família está morrendo pelo desemprego. Pontos de vista sobre a propriedade incutidos nele, não podem ser abalados por histórias de sua amada babá, que adivinha todos os seus desejos e que pode contar histórias maravilhosas, como a que falava da alegria que reinava na aldeia, quando nas proximidades um vagão com chá quebrava e todos podiam levar tudo que pudessem para si. As impressões da infância não o obrigam a prestar socorro: “onde é difícil respirar, é onde se pode ouvir a desgraça”.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> N. A. Nekrasov: “Quem na Rússia vive bem”. Disponível em <http://www.ilibrary.ru/text/13/index.html> (NT)

Se a escola é destinada às crianças da pequena burguesia, sua finalidade é criar nelas um corpo burocrático, um quadro de “inteligência” que, por direito a uma certa parte do bolo público, vai ajudar a classe dominante a governar a população. Este é o objetivo da maioria das escolas médias e superiores, que produzem funcionários de todas as categorias e espécies, servos qualificados da burguesia. Nas escolas desse tipo, coloca-se atenção específica na educação dos estudantes para a pontualidade, a precisão e a perseverança. Entretanto, suprimem a capacidade de pensar de forma independente, de observar, de tirar conclusões. A maior parte do conhecimento relatado traz consigo um caráter abstrato, literário. Essa escola desacostuma o estudante ao trabalho físico, torna a pessoa incapaz para qualquer outra coisa que não seja fazer a tarefa. Tal pessoa é totalmente dependente da distribuição local da classe dirigente; come o pão dela, e apenas a ouve. A ciência livresca isola os estudantes da vida, isola os estudantes de escolas médias e superiores das amplas camadas de operários, os torna alheios às massas. Com especial cuidado, incute-se neles o culto ao Estado burguês.

No que diz respeito à escola pública, a burguesia deseja tomar a educação dos filhos dos proletários inteiramente em suas mãos, manter exclusivamente para si a influência sobre a geração mais jovem. Ela torna a escola obrigatória.

A escola pública até recentemente era uma escola de ensino. Ela dava aos estudantes alguns conhecimentos elementares: governar massas alfabetizadas é mais fácil do que lidar com pessoas que não são capazes de ler os regulamentos internos ou ordens do governo, que não podem assinar o seu nome, que são incapazes de fazer um cálculo dos mais simples. E quanto mais o país é industrializado, maior quantidade de conhecimento é exigida de operários e camponeses. A escola lhes dá o conhecimento, mas é um presente de grego, ela fornece

o conhecimento sob a condição de assimilação da ideologia burguesa pelos estudantes. Incute neles que a ordem burguesa atual é estabelecida pelo senhor Deus, ela é a mais inteligente, a melhor, a mais justa. As autoridades que governam são as melhores pessoas, elas devem ser obedecidas sem questionar.

Na escola, cada dia, cada hora, cada minuto, o estudante executa suas atividades em obediência e respeito aos mais velhos. A adoração pelo poder, pela riqueza e pela educação burguesa é ensinada aos estudantes a partir de pouca idade. Lições de língua nativa, geografia, história servem como um meio de educar as crianças para um chauvinismo irresistível. A escola visa abafar nos estudantes o sentimento de solidariedade fraternal. O sistema de estímulos, recompensas, punições e notas destina-se a criar entre os estudantes a concorrência, a “competição”. Em poucas palavras, a tarefa da escola pública é manter os estudantes com a moral burguesa, diminuir a sua consciência de classe, fazer deles um rebanho obediente, fácil de controlar.

É claro que, dependendo do grau de desenvolvimento industrial e histórico do país, as formas da escola de classes se alteram também. Nos países avançados, as escolas são mais completas, os métodos são mais refinados, os programas são mais amplos, os objetivos da escola são mais disfarçados, mas a essência permanece a mesma.

Tomemos, por exemplo, a acessibilidade à educação média para as crianças dos operários. Aqui, na Rússia, até pouco tempo atrás, a escola média simplesmente não aceitava “filhos de cozinheiras”. Na Alemanha, dificulta-se o acesso à escola média, não direta, mas indiretamente: os programas das escolas primárias e médias são compostos de um modo que um estudante que concluiu a escola primária em algumas disciplinas está pronto para o 4º ano do ginásio, mas, em outras disciplinas, está pronto apenas para o nível preparatório e, por isso, o estudante da

escola primária para poder se inscrever no ginásio deve gastar 2 ou 3 anos a mais.

Na Inglaterra, a transição do ensino primário ao médio não é difícil. Ao contrário, na Inglaterra há muitas bolsas de estudo que ajudam os estudantes talentosos e obedientes da escola primária a se matricular na escola média e superior. A burguesia britânica pensa assim: o objetivo do ensino médio é formar um quadro de criados inteligentes para o Estado burguês. A classe operária, como tal, composta de operários braçais, não pode educar em massa as suas crianças em escolas que as desacostumem ao trabalho físico; apenas alguns escolhidos podem ingressar na escola média, assim, eles saem de sua classe e entram numa classe privilegiada de funcionários do Estado. Se os mais talentosos, mais dotados deixam o meio operário, isso é vantajoso para a burguesia; a classe operária está perdendo seus líderes, fica enfraquecida, despersonalizada, e o quadro dos servidores do Estado fica reforçado. Assim soluciona-se a questão do acesso à escola média.

A solução da questão é diversificada, mas a essência dela é a mesma em todos os lugares: a escola média não está disponível a amplas camadas da população e os conhecimentos continuam sendo um privilégio de classe.

Aqui na Rússia, a burguesia muito falou sobre a educação geral, sobre a reforma do sistema escolar, e não só falou, mas também trabalhou no sentido de implementar estas reformas na prática. Ela fazia isso porque estava bem ciente de que quanto mais perfeita a escola burguesa, mais perfeito seria seu instrumento de escravização das massas. Sem alterar o propósito do ensino médio e superior, sem tirar do ensino médio e superior seu caráter intelectual e de isolamento da vida cotidiana, sem ligação do ensino com o trabalho físico nestas escolas, não é possível mudar o caráter de classe da escola.

O governo dos operários e camponeses que respeita os interesses das massas populares deve romper com o caráter de classe da escola, deve fazer com que a escola em todos os níveis seja acessível a todos os segmentos da população, mas fazer isso não só nas palavras, mas em atos. A educação continuará sendo um privilégio da classe burguesa até que as finalidades da escola sejam alteradas. A população está interessada em que a escola fundamental, média e superior tenha uma finalidade comum: formar pessoas desenvolvidas multilateralmente, com predisposições sociais conscientes e organizadas, que tenham uma visão de mundo reflexiva, integral e que claramente entendam tudo o que está acontecendo ao seu redor na natureza e na vida social; pessoas preparadas na teoria e na prática para todos os tipos de trabalho, tanto físico quanto mental; pessoas capazes de construir uma vida social racional, cheia de conteúdo, bonita e alegre. Essas pessoas são necessárias à sociedade socialista, sem elas o socialismo não pode se realizar plenamente.

Como a escola deveria ser para estar em condições de formar essas pessoas?

Em primeiro lugar, a escola deve fazer todo o possível para fortalecer a saúde e a força da geração mais jovem: ela deve proporcionar às crianças uma alimentação saudável, bom sono, roupas confortáveis e quentes, cuidados de higiene com o corpo, ar fresco e limpo, e uma quantidade suficiente de exercícios. Tudo isso as classes dominantes garantem para seus filhos, mas precisamos que isso seja garantido a todas as crianças sem distinção, independentemente da situação econômica dos pais.

No verão, a escola deve ser transferida para o campo. A escola deve, desde a primeira infância, fortalecer e desenvolver os sentidos exteriores: visão, audição, tato etc., pois estes são órgãos com os quais a pessoa percebe o mundo exterior. Da

sua nitidez, perfeição e desenvolvimento, dependem a força e a variedade da percepção. Os pedagogos, especialmente Fröbel,<sup>3</sup> há muito tempo apontaram que é necessário desde cedo dar às crianças suficientes sensações auditivas, visuais, musculares e outras, organizá-las e dar à criança a oportunidade de exercitar constantemente os seus sentidos exteriores.

Desde cedo, a criança tenta observar. É necessário ensiná-la a fazer isso. Brinquedos do sistema Montessori são destinados a garantir que, não por meio de palavras, mas pela seleção dos brinquedos, se ensine às crianças pequenas a observar e exercitar os seus sentidos exteriores.

Muito cedo a criança começa a buscar, também, uma variedade de maneiras de expressar as impressões recebidas por ela: pelo movimento, palavras, expressões faciais. Temos que lhe dar a oportunidade de ampliar o campo de expressão das imagens que ela constrói. Temos que dar materiais para ela: argila para modelar, lápis e papel, todos os materiais para construções e assim por diante, além de ensinar como manusear este material. A expressão material das imagens formadas serve como meio excelente de avaliação e enriquecimento. Devemos estimular por todos os meios a criatividade das crianças. A arte e a linguagem são um poderoso instrumento de aproximação entre as pessoas e são meios para compreender os outros e a si mesmo.

A situação doméstica da maioria da população não é tal que possa contribuir para o desenvolvimento dos sentidos externos e da criatividade da criança. Por isso, é necessário um determinado número de jardins de infância, de modo que se possa acomodar todas as crianças.

<sup>3</sup> Friedrich Wilhelm August Fröbel (1782 -1852) foi um pedagogo alemão influenciado pelo trabalho de Pestalozzi, tendo fundado o primeiro jardim de infância. (NT)

Estes jardins de infância devem ser organizados de modo que seja dado espaço à individualidade de cada criança, eles não devem ser quartéis para criancinhas, que são forçadas a marchar pela sineta, fazer movimentos de acordo com instruções do professor, “fazer macaque”, como uma operária francesa se expressou respondendo à pergunta “o que ensinam as crianças na escola maternal?” No sistema burguês, os jardins de infância para filhos de operários, muitas vezes, degeneram-se em tais quartéis. Não há lugar para eles no sistema socialista.

Quando uma criança aprende a expressar seus pensamentos ou sentimentos, ela se interessa pela expressão dos pensamentos e sentimentos de outras pessoas. Durante este período de desenvolvimento (aproximadamente de 7 a 12 anos, apesar das variações individuais poderem ser muito grandes), a coisa mais interessante para uma criança é uma outra pessoa. Durante este período de desenvolvimento, a imitação é particularmente forte, a qual muitas vezes não é nada mais do que uma forma especial de criatividade – a reencenação de pensamentos e sentimentos de outras pessoas. Este é o período em que as predisposições sociais, a vida humana, as relações humanas começam a se desenvolver fortemente na criança e se tornam o centro de sua atenção. A escola deve fortalecer e aprofundar as predisposições sociais despertadas na criança, revelar para ela que o trabalho é a base da sociedade humana, ensinar-lhe a alegria do trabalho produtivo e criativo, fazê-la sentir-se como parte da sociedade, um membro útil.

A imitação elevada facilita a aquisição de uma variedade de hábitos de trabalho; é necessário dá-los à criança, ensiná-la a trabalhar. É extremamente importante que o trabalho tenha natureza coletiva, pois isso contribui para o desenvolvimento de habilidades para trabalhar e viver em coletividade. O trabalho permite uma avaliação correta das suas forças, protegendo tanto de sua superestimação como de sua subestimação. Trabalho

cooperativo, jogos comuns compartilhados com os colegas, participação em diferentes formas na vida e trabalho dos adultos são atividades que fornecem um rico material para a formação da ética social de uma criança.

Durante este período de desenvolvimento da criança, a escola, continuando o trabalho do jardim de infância, deve ajudar a transformar diretamente o desejo da criança de criar em trabalho produtivo, em trabalho necessário para os outros. A escola deve fornecer as habilidades gerais de trabalho, deve dar a oportunidade de observar amplamente as relações sociais, de aprender a viver com os outros, ajudando um ao outro, vivendo conjuntamente muitas experiências.

O período de 7 a 12 anos corresponde ao período em que as crianças frequentam a escola primária. E o que se fornece às crianças? A capacidade de escrever, ler, contar, assimilar uma série de ideias de outros, que são mecanicamente aprendidas. Ela não fornece hábitos de trabalho, não dá às crianças qualquer material para o trabalho, não dá instruções necessárias, nem tempo. A escola moderna é uma escola baseada em ensino, e não uma escola do trabalho.

A escola moderna sufoca as predisposições sociais das crianças, e não as desenvolve, não presta qualquer atenção às brincadeiras das crianças, no seu trabalho coletivo, na sua participação no trabalho e na vida dos adultos. Ela afasta as crianças da vida, dos adultos, estreita o campo de sua observação. Ela desacostuma as crianças à organização, interferindo em todos os seus passos. A escola primária geral é, obviamente, para todos, e deve ter, principalmente, um caráter prático, aplicando amplamente o princípio do trabalho e fortalecendo as predisposições sociais.

A segunda etapa da escola acontece em uma idade em que há autoaprofundamento, elaboração e sistematização das ex-

periências adquiridas. Este é um período de estudo. O jovem, homem ou mulher, estuda a si mesmo, a sociedade, os vários ramos do conhecimento e suas habilidades. O pensamento crítico funciona de forma particularmente forte. Neste período, a pessoa está se formando.

É essencial que, até este período, o estudante tenha acesso adequado a experiências e fatos. Esses fatos disponibilizados a ele em uma certa perspectiva, constituem um variado convite ao estudo para esclarecê-los, em uma dada etapa de formação de sua visão de mundo. Este é um período em que é muito importante dar aos estudantes um método, um fio condutor para organizar o conhecimento adquirido. É nestes anos que se nota nos estudantes o enfraquecimento da vontade, a individualidade constituída definitivamente se fecha, sua vida externa se torna uma rotina estabelecida. É vital que neste período um jovem ou uma jovem já tenha adquirido fortes hábitos de trabalho e de vida social. Neste período, quando a expressão criativa do seu “eu” enfraquece um pouco, deve acontecer o domínio do próprio mecanismo de trabalho em diferentes ramos de produção.

O ensino médio, que abrange estes anos da vida escolar, atualmente não presta muita atenção à individualidade do estudante, à necessidade de elaboração independente da experiência adquirida por ele. O trabalho produtivo e o desenvolvimento de predisposições sociais possuem um papel muito insignificante no ensino médio moderno; o mesmo ensino da escola primária reina na escola média, há a mesma supressão da individualidade, a mesma cultura livresca, o mesmo isolamento da vida social.

A escola superior, no entanto, visa à especialização, portanto, em essência, ela não pode ser geral, e nós não vamos discuti-la.

Assim, jardim de infância, escola primária e escola média, todas elas são elos do desenvolvimento geral, intimamente ligados entre si. O mais importante, o que deveria ser diferente na

escola socialista em comparação com a escola atual, é o fato de que a única finalidade da escola é a possibilidade do desenvolvimento multilateral pleno do estudante; ela não deve suprimir a sua individualidade, mas apenas ajudar na sua formação. A escola socialista é uma escola livre, onde não há lugar para o adestramento, quartéis e memorização.

Entretanto, ao auxiliar na formação da individualidade, a escola deve preparar o estudante para garantir que ele seja capaz de revelar esta individualidade em um trabalho que tenha utilidade social. E por isso, a segunda característica das escolas socialistas deve ser o amplo desenvolvimento do trabalho produtivo das crianças. Atualmente, fala-se muito sobre o método do trabalho, mas a escola socialista deve não apenas aplicar o método do trabalho, mas também deve organizar o trabalho produtivo das crianças.

Os socialistas são contra a exploração do trabalho infantil, mas eles, é claro, são a favor do trabalho infantil que está de acordo com as possibilidades da criança, que é multilateral e educa. O trabalho produtivo não só transforma uma criança em um membro útil da sociedade no futuro, mas também faz da criança um membro útil da sociedade no presente, e a consciência deste fato pela criança tem um enorme valor educativo.

A escola burguesa deu muitos exemplos de como organizar o trabalho produtivo das crianças. A organização de brigadas de trabalho e de jardim, o auxílio na produção de estatísticas, na separação e distribuição de correspondências, na costura e tricô de roupas quentes para os soldados, na limpeza das ruas por crianças de escolas americanas, na fabricação de alimentos, na contabilidade gerencial, na definição de falsificação dos produtos, na distribuição de cartazes e literatura, na produção dos manuais de ensino etc. Todos estes experimentos de organização do trabalho produtivo devem ser reunidos, sistematizados,

complementados, elaborados e desenvolvidos dando-se a eles, em mais alto grau possível, um caráter multilateral.

Aqui, os sindicatos, cooperativas e organizações camponesas do campo devem vir em ajuda aos professores. Este assunto é importante, inteiramente realizável e deve ser agarrado imediatamente. Claro que a escola que irá organizar o trabalho produtivo das crianças será um pouco parecida com a atual escola de ensino, porém ela será ligada por milhares de fios com a vida e a realidade. A introdução do trabalho produtivo na vida cotidiana das escolas intimamente associado com o ensino tornará este cem vezes mais vivo e mais profundo. E tal escola irá formar pessoas preparadas multilateralmente para o trabalho, que poderão assumir qualquer trabalho, adaptar-se a qualquer máquina, em qualquer condição de produção. As pessoas estarão na mesma medida preparadas também para o trabalho intelectual, o qual até hoje foi uma propriedade separada de uma camada privilegiada, e que deve ser feito pela própria população para se libertar da dependência da burocracia e se tornar dona da sua vida.

A escola socialista só é concebível em determinadas condições sociais, pois o que a torna socialista não é o fato de ser liderada pelos socialistas, mas sim que suas metas correspondam às necessidades da sociedade socialista. Também na sociedade capitalista podem aparecer, em determinados casos, escolas que tenham como objetivos e como metas educativas formar pessoas multilateralmente desenvolvidas, com um claro desenvolvimento da individualidade, com forte desenvolvimento das predisposições sociais, igualmente capazes tanto para o trabalho físico como para o trabalho intelectual. Mas sob o sistema capitalista, tais escolas poderiam ser apenas fenômenos isolados, pouco vitais. Formado nesta escola o jovem cai, saindo da escola, em uma atmosfera que minimizaria muito rapidamente todos os

benefícios dessa educação. Numa sociedade baseada na divisão do povo em “ossos brancos” e “ossos pretos”, ou seja, em pessoas “inteligentes”, por um lado, e operários braçais, por outro, o estudante deverá escolher a um ou a outro tipo de trabalho, e sua capacidade de trabalhar “multilateralmente” ficará atrofiada.

Além do mais, a escolha deste ou daquele tipo de trabalho não depende dele, mas de seu “porta moedas”,<sup>4</sup> dos seus vínculos na sociedade. Sem patrimônio, tendo “conexões” apenas no ambiente dos operários, esta pessoa, de forma totalmente independente de sua vida, cairia na categoria dos operários braçais e, tendo atingido este nível, teria que sustentar também aquelas outras que, vivendo com ele, também dependem da venda da força de trabalho dele; e nestas condições sua individualidade forte serviria como um obstáculo, tornando para ele ainda mais difícil e mais insuportável o trabalho escravo monótono.

Predisposições sociais fortemente desenvolvidas são úteis somente quando um jovem é, por natureza, um lutador, mas em outros casos, elas são apenas uma fonte de sofrimento. Lutadores podem ser criados na escola socialista, mas no estado capitalista somente em casos excepcionais, pois um lutador deve passar pela dura escola da vida, e a escola socialista embutida no sistema burguês não poderia ser nada mais que uma planta exótica, uma instituição separada da vida. E como a escola socialista não pode ser, sob o sistema capitalista, uma instituição da vida, no melhor dos casos, ela seria apenas uma experiência educacional interessante.

Ela poderia ser um empreendimento privado, mas não estatal, pois o caráter da escola estatal é definido pela classe dominante, pela classe burguesa, e as finalidades que ela colocaria seriam completamente diferentes. A classe burguesa, na

<sup>4</sup> Como diz Marx, depende do dinheiro que ele carrega no bolso. (NT)



organização escolar, se baseia em seus interesses, partindo da necessidade de assegurar a sua dominação de classe, e não o bem do indivíduo e o bem da sociedade.

Somente um governo popular pode, durante a organização da escola, atuar para o bem do indivíduo e da sociedade. Mas o bem do indivíduo e o bem da sociedade serão interpretados diferentemente, dependendo do momento em que o governo popular está no poder. Se ele está no poder no período das relações capitalistas, neste caso, o governo popular está interessado apenas no fato de criar uma escola mais democrática, escola que só pode enfraquecer a natureza da escravidão espiritual das massas, natureza para a qual se volta a escola em uma sociedade capitalista. A democratização da escola democratiza o conhecimento e o impede de se tornar posse exclusiva da classe dominante. Este tipo de escola democratizada encontramos na América Norte e são escolas criadas pelo governo vencedor na Guerra Civil Americana dos estados do Norte contra os do Sul.

Mas quando o governo popular está no poder na época da ascensão da revolução social, este governo, que se baseia no bem do indivíduo e da sociedade, deve romper com a antiga escola de classes, a qual se transformou em uma flagrante injustiça, e criar uma escola que corresponda às necessidades do momento. A necessidade de um sistema socialista emergente é formar pessoas adequadas para este regime. Se uma característica do sistema capitalista era o gasto inútil da força de trabalho, o excesso de trabalho de alguns e a ociosidade forçada de outros, uma característica do sistema socialista deve ser a distribuição racional, planejada, o mais razoável possível do trabalho entre todas as pessoas, a transformação do trabalho de servidão em trabalho voluntário.

Para isso, precisamos de pessoas que sejam igualmente adaptadas tanto ao trabalho físico como mental, capazes de se

adaptar às sempre mutáveis condições de produção, capazes de pôr a marca de sua individualidade no seu trabalho. O caráter da produção, por si mesma, vai educar as pessoas nesse espírito, regenerá-las nessa direção, mas a transição do trabalho de servidão para o trabalho voluntário, do monótono e estreitamente especializado para o politécnico, representa um processo global de longo prazo, o que é muito difícil no início, principalmente num país tão inculto como a Rússia, com um nível tão baixo de educação, e que é capaz de transformar toda a sociedade somente com uma nova geração educada em condições completamente diferentes. A tarefa de educar esta geração futura é uma tarefa da escola socialista.

## A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO COMUNISTA<sup>1</sup>

As questões da educação mudam de acordo com os objetivos da educação.

Querendo fazer de seus filhos guerreiros destemidos, resistentes, ferozes, que não se detinham diante de nada, os espartanos deram-lhes uma educação muito severa, fortaleceram-nos fisicamente, fizeram-nos especialistas em assuntos militares sem que não conhecessem outro trabalho. Ao mesmo tempo, inspiraram, desde os primeiros anos, uma determinada visão das coisas, visão que os forçava a desprezar a vida pacífica e suas alegrias, desprezar o trabalho criativo, odiar severamente todos os estrangeiros.

O objetivo da educação dos antigos gregos donos de escravos era torná-los capaz de gozar plenamente a vida. Ginástica, jogos, música, escultura e outras artes – tudo tinha que satisfazer a sua vida. A educação física e estética foi acompanhada pela formação da cegueira moral que permitia considerar que a existência

---

<sup>1</sup> Publicado na revista *Comunistka*, 1921, n. 8-9. Publica-se aqui pelo texto da Academia de Ciências Pedagógicas da RSFSR. *Obra Pedagógica em 10 tomos de N. K. Krupskaya*. vol. 2. (Preparação dos textos e notas por P. I. Kulikova.) Moscou, 1958.

da escravidão era um fenômeno normal, sendo normal reprimir duramente o escravo.

E a educação do escravo? Foi feita pelo espancamento brutal que se destinava a ensinar um escravo a obediência silenciosa e inquestionável, a acostumá-lo ao trabalho de um animal de carga e à aprendizagem artesanal...

O problema da educação que sempre foi colocado pela Igreja consistia na transformação da pessoa num servo de Deus, que temia olhar e ver, que não se atrevia a ponderar sobre nada... Os pais da igreja sempre tentaram matar, durante a infância, o pensamento independente, o desejo e a alegria de vida.

Não é terrível – uma vez meu estudante de um curso noturno, um trabalhador qualificado, escreveu para mim: – Não é terrível ser um escravo do homem, e aqui, portanto, você precisa lutar; mas ser um escravo de Deus, não poder atrever-se a pensar na luta, isso é muito pior.

A burguesia aprendeu com a igreja como é possível, na escola, ensinar escravos. Mas seus filhos se formam nas escolas especiais, onde se formam proprietários da vida, pessoas que no futuro vão se beneficiar e desfrutar dos bens da vida. Nas escolas populares, aquelas escolas onde as crianças de operários e camponeses estudam, acontece a extinção sistemática do espírito. Aí ensinam-se crianças obedientes, servas do capital.

Olhe para as escolas públicas na Alemanha, França, Suíça etc., veja como lá reprimem nas crianças qualquer pensamento independente, como cravam em suas cabeças a moral burguesa, como ensinam a se inclinar perante a riqueza, perante qualquer comando, como ensinam a obedecer cegamente, a executar cada ordem do professor. A burguesia sabe perfeitamente que com a violência nua ela não poderá manter por muito tempo seu poder, ela faz o possível para promover a escravidão espiritual das massas.

Quando na Rússia, em outubro de 1917, os operários tomaram nas mãos o poder, eles conquistaram a possibilidade de educar a juventude do modo que consideraram necessário. Perante as autoridades de educação surgiu uma série de novas tarefas educativas. Desde que a Revolução de Outubro derubou o poder dos latifundiários e capitalistas, ela começou a destruir a divisão da sociedade em classes e a transformar toda a população em uma república de trabalhadores.

É evidente por si que na República Soviética não pode haver lugar para dois sistemas de educação: um direcionado para educar os que dominam e outro dirigido para educar escravizados.

É por isso que o primeiro ato proclamado pelo Comissariado da Educação Pública foi a Declaração do *sistema único de educação*, “escola única”, gratuita, dividida em dois graus e que fornece preparação sólida para a vida e para o trabalho. Fazer uma escola de dois graus, com nove anos de duração – não apenas em palavras, mas na realidade – torná-la acessível para todas as crianças, este foi o primeiro problema da educação que se colocou diante da Rússia Soviética.

Até agora, a guerra e a destruição atrapalharam a resolução desse problema da educação comunista.

A revolução de fevereiro igualou diante da lei o homem e a mulher, e o governo soviético está fazendo todo o possível para transformar esta igualdade jurídica (igualdade perante a lei) em uma igualdade de fato (igualdade na vida). Compreende-se, portanto, que o Comissariado de Educação Pública se esforce por tornar a escola em todos os níveis disponível igualmente para jovens mulheres e homens. Meninos e meninas frequentam a mesma escola, aprendendo com os mesmos professores, pelos mesmos programas, com os mesmos livros didáticos. Portanto, isso significa que temos um sistema educativo unificado.

Se nos velhos tempos as crianças iam à escola só para aprender, agora, depois de a guerra ter arrancado os pais de milhões de famílias, com a economia do país destruída, a vida imperiosamente exige o envolvimento mais amplo no trabalho também das mães, irmãs mais velhas e outros, e para a escola foram migradas muitas das funções da família. A escola na Rússia soviética cada vez mais se preocupa com que as crianças sejam alimentadas, vestidas, calçadas, enfim, que elas tenham tudo o que precisam. A pobreza e a destruição do país colocam obstáculos muito difíceis no caminho da construção da escola, mas merenda escolar e o fornecimento de roupas e calçados pela escola tornaram-se comuns. A tarefa ante o Poder Soviético ficou plenamente definida: através da mediação da escola, o governo soviético deve tomar para si por completo a manutenção de todos os estudantes.

Cada vez mais funções antes atribuídas à família são transferidas para a escola: antes, a família dava para a criança a educação geral para o trabalho, ensinava a criança a trabalhar; agora, pelo fato de o trabalho ser exercido cada vez mais fora de casa, esta função de educar a criança para o trabalho deve ser tomada pela escola. A escola baseada no ensino torna-se economicamente impensável. Sem se preocupar com o desenvolvimento da capacidade de trabalhar da nova geração, ela reduziria o montante das forças produtivas do país. É por isso que mesmo os países burgueses, como os Estados Unidos e a Alemanha, começaram a dar atenção especial à transformação da escola de ensino<sup>2</sup> em uma escola do trabalho.

O comunismo pressupõe uma organização racional e sistemática da produção. Não se deve perder nenhuma força, nenhum talento. O uso racional da força pressupõe a sua formação plane-

jada e sistemática. A preparação da nova geração para a produção comunista é um dos problemas mais importantes do comunismo. É por isso que o Comissariado de Educação Pública fixou para si a tarefa de criar justamente uma “escola única do trabalho”.

Há diferentes entendimentos de escola do trabalho. A escola do trabalho pode ter um caráter estritamente artesanal, um caráter de economia doméstica, a escola pode estabelecer suas metas sobre como formar nas crianças a paixão pelo trabalho, a perseverança, a paciência e assim por diante. Por outro lado, a escola do trabalho pode ter um caráter politécnico. Este caráter politécnico deve consistir não no fato de uma criança aprender alguns ofícios, como interpretam alguns educadores. A escola politécnica deve fornecer um panorama da economia do país, familiarizar os estudantes com a indústria agrícola, com a mineração, com a manufatura e seus principais ramos de processamento de metal, têxtil, químico. Esta familiarização deve ser fornecida por meio de livros didáticos, ilustrações, cinema, visitas a museus, exposições, fábricas, usinas, e por meio de participação na produção. O último elemento é particularmente importante. Somente trabalhando com o material, o jovem o estuda em todos os seus aspectos. O método do trabalho é o melhor método de aprendizagem. No processo de trabalho, o estudante aprende melhor sobre física, química, as leis da mecânica.

Durante o processo de trabalho, ele aprende a observar, verificar as suas observações por meio das experiências, aprende a usar o livro como uma ferramenta de trabalho, aprende a usar dados científicos para o trabalho diário. Só quando o adolescente aprende a lidar com materiais, ele enxergará claramente os problemas que surgem no processo de produção. O estudo da história de cada um dos ramos da economia nacional ganha um novo significado aos olhos daquele adolescente que nele trabalha, ele entenderá em que consiste o progresso em cada ramo da pro-

<sup>2</sup> Ver nota 7, p. 37.

dução, entenderá o papel da produção a vapor, da eletricidade, perceberá o enorme papel da ciência na produção moderna.

A tarefa da escola politécnica não é preparar um especialista estreito, mas uma pessoa que entenda toda interligação dos diferentes ramos da produção, o papel de cada um deles, as tendências de desenvolvimento de cada um deles; preparar uma pessoa que saiba o que e por que algo deve ser feito em cada momento, em uma palavra, preparar o dono da produção, no sentido verdadeiro desta palavra. Isso de um lado. Por outro lado, a escola politécnica deve educar, ao mesmo tempo, um estudante e um participante ativo desta produção. Ela deve equipá-lo com a capacidade de aproximar-se corretamente de cada trabalho, de aprender durante o processo de trabalho, de trabalhar de forma consciente e criativa, de aplicar o conhecimento teórico na prática, de orientar-se rapidamente no trabalho.

A escola politécnica não fornece um especialista pronto, mas dá a possibilidade aos estudantes de aprender rapidamente e por completo uma profissão escolhida, ela paralisa a especialização estreita prejudicial, facilita a transição de uma profissão para outra profissão, e o mais importante, fornece a perspectiva necessária para a construção da nova vida.

A escola politécnica prepara para o trabalho. Mas ela deve preparar não somente a habilidade de trabalhar individualmente, mas deve desenvolver a capacidade para o trabalho coletivo, e aqui o mais importante é a capacidade de organizar-se para o trabalho. Na época da servidão, o senhorio ou o encarregado era o organizador do trabalho. Na época do capitalismo, o capitalista, e principalmente o engenheiro, o diretor da usina etc. organizavam o trabalho dos operários dentro da usina ou da fábrica, desde o ponto de vista dos interesses do capital. Aqui, na Rússia Soviética, a velha organização capitalista do trabalho entrou em colapso. Diante dos operários que se livraram do jugo do capital, coloca-se

uma tarefa de extrema dificuldade e importância – organizar o trabalho no interesse de toda sociedade comunista, não somente em fábricas específicas, mas em todo o país. Tomando o poder em suas mãos, os comunistas tomaram a organização da produção e distribuição. E nós vemos como, em cada passo, revela-se a falta de hábitos de organização. Só pessoas excepcionalmente talentosas permanecem à altura da tarefa, e em todos os lugares nos deparamos com confusão e falta de conhecimentos básicos da ciência organizacional...

Por que aqui na Rússia Soviética a burocracia floresceu como uma flor exuberante? Qual é a razão? É a nossa incapacidade de organizar as coisas.

Por que os operários tomaram o poder – vão dizer os inimigos do poder soviético – se não sabem organizar nada sozinhos? Sim, deve-se pagar pela ciência, e os operários da Rússia Soviética veem-se obrigados a pagar caro para aprender a tarefa organizacional: eles tiveram que aprender isso não no internato dos rapazes nobres, mas no auge da guerra, em condições caóticas, quando cada tiro perdido trazia para si pesadas consequências. E não havia outro caminho. Caso contrário, ficaríamos por séculos escravos do capital. A capacidade de organizar toma um significado muito importante neste momento histórico. Com efeito, a base do comunismo é uma excelente organização racional do trabalho social no interesse de todo o coletivo.

É por isso que a Escola Politécnica, juntamente com a preparação dos estudantes para o trabalho, deve educá-los nas habilidades de organização. Isto significa que o ensino do trabalho deve acontecer naquelas condições de ampla liberdade para a iniciativa organizacional dos operários. Melhor ainda será se as tarefas de trabalho forem dadas para grupos separados de estudantes, pois o tamanho do grupo deve sempre aumentar, e as próprias tarefas devem ficar mais complexas.

Diferentes tipos de jogos contribuem, também, para o desenvolvimento das habilidades organizacionais. O capitalismo percebeu a importância dos jogos na vida da criança e fez deles um instrumento de educação das gerações jovens, servos do capital, completamente saturados pela ideologia burguesa. O escotismo, alimentando a iniciativa das crianças, a livre expressão de forças físicas e espirituais da juventude, fez para o regime burguês um serviço considerável. O adolescente despercebidamente foi saturado de chauvinismo; o escotismo desenvolveu no estudante a admiração pelo militarismo, pela força bruta, por autoridades, inspirou a adoção de pontos de vista puramente burgueses para todos os fenômenos da vida social. Mas podemos usar a experiência do escotismo burguês, adicionar nele um espírito completamente diferente, introduzir um novo conteúdo e fazer dele um instrumento de educação da visão de mundo comunista. Não podemos ignorar o jogo, um dos mais importantes meios de educar o hábito da ação coletiva e de desenvolver hábitos organizacionais.

A atividade de auto-organização escolar também vai na mesma direção.

A escola que o poder soviético procura criar atende aos requisitos de uma democracia plena: ela é única para todos. Esta escola atende às exigências do desenvolvimento econômico, contribuindo para a melhor preparação das forças produtivas criativas vivas. Esta escola satisfaz às necessidades mais prementes da classe operária neste momento histórico: ela contribui para a transformação da classe operária que tomou o poder em dona e organizadora da produção coletiva.

# A IDEOLOGIA PROLETÁRIA E A CULTURA PROLETÁRIA<sup>1</sup>

Que a ideologia do proletariado é diferente da ideologia das outras classes, isto é evidente. Disso, no entanto, não se conclui que na época da ditadura do proletariado sua ideologia deva fechar-se em si mesma, se contrapor ao Estado e construir seus órgãos de cultura “sectariamente”. Esta não é a posição proletária.

O *Pravda* de 27 de setembro traz um artigo de Pletnev<sup>2</sup> “No front ideológico”, que tem o seguinte subtítulo “Objetivos e tarefas da Cultura Proletária”.<sup>3</sup> O artigo escrito é muito interessante e talentoso, mas nele, pensamentos corretos são misturados com pensamentos errados.

---

<sup>1</sup> Publicado no *Pravda*, 8 de outubro de 1922, n. 227. Publica-se aqui pelo texto da Academia de Ciências Pedagógicas da RSFSR. *Obra Pedagógica em 10 tomos de N. K. Krupskaya*. vol. 7. (Preparação do texto e notas A. G. Kravchenko e L. S. Frid.) Moscou, 1958.

<sup>2</sup> V. F. Pletnev, um dos líderes do movimento Proletkult. (NT)

<sup>3</sup> Cultura Proletária ou *Proletkult* – uma combinação das palavras “Proletária” e “Cultura” – constituía um movimento pela eliminação das características burguesas da produção cultural pós-revolucionária. (NT)

Cada classe tem sua ideologia. A ideologia do proletariado é completamente diferente da ideologia da burguesia, difere fortemente dela. Isso é verdade incontestável. E como isso foi dito por Pletnev, ele está absolutamente certo.

É impossível compreender a ideologia como algo muito elementar. Na noção de ideologia entra a moral, a arte e a ciência. Ninguém vai negar que a moral burguesa e a proletária diferem de forma radical. Também é fácil de provar que a arte carrega um claro caráter de classe: as imagens, seu conteúdo e a combinação delas são bastante diferentes no representante burguês das artes e no representante da arte proletária. Diferentes emoções e sentimentos, em um e no outro, criam diferentes abordagens para a arte.

Relativamente à ciência, a questão é muito mais complicada. Não há dúvida de que nas ciências sociais há uma ciência burguesa e uma ciência proletária. As avaliações de fenômenos sociais pela burguesia e pelo proletariado são muito diferentes. A situação é diferente nas ciências exatas. As ciências exatas repousam na experiência secular da humanidade no campo do domínio das forças da natureza. Os dados dessas ciências são verificados pela experiência, diariamente confirmam-se pela prática e dão para a pessoa um enorme poder sobre a natureza em comparação com séculos passados. Jogar fora todas essas conquistas da ciência seria engraçado e bárbaro. Claro, agora as ciências exatas são usadas nos interesses da burguesia, são propriedade de um pequeno grupo de especialistas. O proletariado, dominando a ciência, vai torná-la acessível para as massas, vai torná-la mais assimilável, separando o essencial do não essencial, irá desenvolver novos campos das ciências exatas, em cujo desenvolvimento a burguesia não estava interessada, mas o desenvolvimento que interessa ao proletariado interessa a toda a humanidade. Somente neste sentido pode-se

e deve-se falar que a ciência exata pode levar em si o selo de uma classe.

Além disso, o camarada Pletnev está correto quando diz que o mundo não pode ser vencido somente pelas armas e pela força, e que para ganhá-lo ideologicamente, é necessário superar a velha cultura burguesa, a antiga ideologia burguesa.

Não está aqui a origem da divergência. Você pode ser um forte defensor de todas essas ideias e ao mesmo tempo ser um inimigo da cultura proletária.

Nos países onde o proletariado ainda permanece uma classe oprimida, onde a burguesia está no poder, a questão é mais simples. O proletariado conduz a luta contra a burguesia, e especialmente, a luta ideológica. A contraposição entre “arte proletária/cultura proletária” e “arte burguesa/cultura burguesa” é, nestas condições, algo muito necessário, um dos principais instrumentos de luta. Nas condições do Estado burguês o lema “cultura proletária” é um lema de combate, é um lema de luta. O lema “cultura proletária” no Estado burguês é algo bastante revolucionário. Culturas proletárias nos Estados Unidos, na Alemanha, na Inglaterra e assim por diante só podem ser bem-vindas.

Mas como a questão se coloca para nós? Nós criamos a seguinte situação: em um país onde o proletariado foi relativamente fraco tanto numericamente como do ponto de vista de experiência de classe, ele, graças à confluência de certas condições históricas, tomou o poder em suas mãos. Por que ele assumiu esse poder? Para criar para si uma posição privilegiada, uma vida agradável? Para oprimir as outras classes? Claro que não. Ele tomou o poder a fim de destruir toda a exploração, toda a opressão, para reestruturar a sociedade a seu modo, para abolir a divisão da sociedade em classes e, em seguida, deixar de existir como classe. Ao quebrar a velha máquina do Estado,



o velho aparato repressivo, o proletariado deve utilizar todos os meios para conquistar também ideologicamente a influência para convencer os outros, para conseguir a aceitação geral de sua ideologia.

Uma maneira de convencer é a arte, especialmente com sua forte influência sobre o lado emocional. Na vida dos operários, a arte joga um papel muito especial. O operário comumente pensa por imagens e, portanto, o mais convincente para as massas operárias são as imagens artísticas. A revolução claramente mostrou esse lado da questão. Nela (em manifestações, procissões, no *front* da guerra – onde quer que houvesse massa) havia muita teatralidade – não a artificial, pomposa, mas a natural, a teatralidade revolucionária. Mas a revolução também deu a sensação de que a arte proletária verdadeira ainda não existe, há apenas algumas obras na arte que refletem a ideologia proletária, as experiências proletárias, suas aspirações e ideais; a demanda por obras de arte proletárias reais foi muito grande. As obras de arte burguesas não podiam ser enquadradas na moldura da revolução – era necessário simplesmente envolvê-las com o manto vermelho.

Como criar uma cultura nova, quase totalmente desconhecida no momento da revolução e que é tão urgentemente necessária? Aqui a posição do movimento do *Proletkult* assumiu um caminho totalmente correto: temos que abrir o caminho dos operários para a arte, é necessário dar a oportunidade de dominar a arte da música, do teatro, das artes plásticas e outras técnicas, sem o domínio das quais não se pode criar obras de arte.

Mas é pouco conhecer uma técnica antiga – é necessário passá-la através da fornalha do pensamento proletário, introduzir nela algo próprio; são necessários estúdios proletários, são necessários muitos estúdios bons, que criem para o proletariado a oportunidade de dominar os pré-requisitos da atividade cria-

tiva, o domínio técnico e consciente (consciente do ponto de vista do proletariado) em relação à arte.

Tudo isso fez o movimento do *Proletkult*, ele tornou a causa proletária grande e necessária. Esta é a mão direita deste movimento. Agora vamos passar para a mão esquerda.

Nos estúdios deve prevalecer o espírito de uma atitude crítica em relação à arte burguesa: é necessário que o estudante aprenda a separar o que deve e não deve ser tomado da cultura burguesa, deve aprender a entender também as novas formas de cultura burguesa, isto é, a arte do período da decadência. É necessário que o estúdio o ensine a ter aversão pelo vazio ideológico, pela artificialidade, pela hipocrisia destas formas do período de declínio da ideologia burguesa. E assim podemos ver que nos estúdios do movimento do *Proletkult* não há esta relação crítica com as formas burguesas de arte, e aquilo que é um sinal de decomposição, decadência, degeneração, proclama-se como verdadeira arte proletária. Os embriões de arte proletária são colocados no cativo da arte burguesa. Este é o primeiro ponto.

Segundo: a obra de arte não é proletária só por que seu criador é ou deixa de ser um proletário de nascimento, mas porque ela está impregnada com a ideologia do proletariado. Nem todo proletário é consciente o suficiente, nem todo proletário é portador da psicologia proletária, da ideologia do proletariado – há proletários que estão completamente imbuídos da ideologia burguesa, proletários que são estranhos aos ideais proletários, à disciplina proletária e à firmeza. É pouco ter uma origem proletária – o proletariado deve entender ainda suas tarefas de classe, deve elaborar para si a consciência de classe. O movimento do *Proletkult* ignora esse aspecto da questão, proclamando cada arte do operário como arte do proletariado. E o resultado disso é uma involuntária demagogia.

Terceiro: é impossível produzir arte proletária em uma “estufa”, criá-la artificialmente – é possível apenas limpar o caminho para ela. A arte pode crescer somente da vida. Quanto mais profunda for a compreensão desta vida, mais forte será a vivência do artista, e mais plenamente ela será refletida em suas obras.

Não se pode fugir da vida, da luta, fechar os olhos e não ver o que está acontecendo ao redor, isolar-se de tudo que não é proletário. Mas o movimento do *Proletkult* prega exatamente separar-se, fechar-se em si.

Quarto: o proletariado tomou o poder para transformar toda a sociedade de classe em uma sociedade sem classes. A burguesia, quando era classe dominante, impunha sua marca ideológica a todas as classes, inclusive também ao proletariado. Agora, o proletariado deve se esforçar e fazer o mesmo. Ele tem em suas mãos um forte meio de influência ideológica como o Estado. Graças a ele, o proletariado tem milhares de oportunidades para divulgar amplamente a sua influência em todas as camadas da sociedade, para reeducá-las, destruir sua psicologia de classes. E como trata o *Proletkult* essa questão?

Ela diz:

*O Estado não é puramente proletário. A tarefa do Estado é cuidar de todas as classes. Deixe-o inculcar uma cultura (algo útil), mas esta cultura não é uma cultura proletária, e nós, os proletários, não podemos gastar com isso nem tempo nem energia. Precisamos nos isolar de todos os elementos não proletários, nos fechar, criar para nós próprios uma cultura puramente proletária, branca como a neve. Esta cultura de classe será incompreensível para outras classes, outros segmentos da sociedade, as quais são diferentes, afastadas da psicologia do proletariado.*

Aqui está o cerne da questão. Aqui reside a raiz do nosso desacordo com o movimento do *Proletkult*. Tomamos a liberdade de dizer que este não é um ponto de vista do proletário.

O ponto de vista proletário é diferente. O proletariado não pensa em isoladamente instalar-se em uma sociedade de classes, em desenvolver sua visão de mundo separada, sua arte separada. A missão do proletariado não é esta, para ele, sua missão está na destruição da sociedade de classes, na organização de uma vida feliz e racional para todos e cada um nesta organização da sociedade, onde não haverá nem o proletariado nem a burguesia.

Tal compreensão da missão do proletariado nós aprendemos a partir do *Manifesto comunista*, escrito por Marx e Engels já em 1847, e não vemos nenhuma razão para mudar seu ponto de vista. Na medida em que se quebram os fundamentos da sociedade de classes, quando a luta mais desesperada está acontecendo entre a velha e a nova ordem, basta cuidar para que, em um canto tranquilo, se receba uma semente da cultura proletária pura – ao que se dedica o trabalho do movimento do *Proletkult* – mas isso significa ir contra a ideologia proletária.

As ideias que o movimento do *Proletkult* prega, sua secular oposição à própria conquista do Estado pelo proletariado, sua oposição a todas as outras classes com quem ele teme se relacionar, embora fossem trabalhadores, e da ideologia que, apesar disso, o contagia, nós as consideramos ideias sectárias, não proletárias, e por isso estamos lutando contra elas.

## AS TAREFAS DA ESCOLA DE PRIMEIRO GRAU<sup>1</sup>

Examinando a questão de quais são as tarefas da escola de primeiro grau, é preciso indicar, em primeiro lugar, qual é a tarefa formativa da escola a qual, em grande parte, define a alma da escola.

Antes de tudo, a escola deve despertar na criança a curiosidade, um interesse ativo pelo ambiente, um interesse investigativo pelos fenômenos e fatos, tanto no campo das ciências naturais como da vida social. Para isso, é necessária uma forte ligação da escola com a população, com seu trabalho, com toda sua vida econômica; no ensino é necessário apoiar-se na realidade do meio ambiente da criança. É necessário um método investigativo de abordagem das disciplinas estudadas, que por sua vez coloque em primeiro lugar as ciências naturais e o trabalho.

A segunda tarefa formativa da escola de primeiro grau é ensinar a criança nos livros, na ciência, a buscar respostas para as questões que aparecem, dar a ela a consciência de que pode

---

<sup>1</sup> Texto publicado pela primeira vez em 1922. Publica-se aqui pelo texto da Academia de Ciências Pedagógicas da RSFSR. *Obra Pedagógica em 10 tomos de N. K. Krupskaya*. vol. 3. (Preparação dos textos e notas por E. M. Tsimkhes). Moscou, 1958.

procurar nos livros o que pensou a humanidade sobre esta ou aquela questão. Disso decorre a necessidade de dar grande lugar na escola, mesmo no primeiro grau, ao estudo independente das crianças, mudando o caráter dos estudos escolares, ampliando a seleção de materiais para estudo.

A terceira e não menos importante tarefa é desenvolver nas crianças o hábito de viver, estudar e trabalhar coletivamente. Isto define a natureza da organização da vida escolar, a auto-organização<sup>2</sup> das crianças, a ajuda mútua das crianças e outras. Disso decorre o método do trabalho: crítica coletiva do ver e ouvir, hábito de alcançar determinados objetivos pela união de forças e a divisão de trabalho de acordo com as forças e possibilidades; também disso decorre a natureza do trabalho da escola e a natureza do trabalho escolar, isto é, o trabalho coletivo, a organização criativa, a necessidade de conceder amplo lugar à arte, arte que é próxima, que provoca a emoção coletiva, que desenvolve predisposições sociais.

Além destas tarefas formativas, ante a escola coloca-se a tarefa de dar às crianças uma certa quantidade de conhecimentos e hábitos formais, os quais possibilitam uma futura autoeducação, para familiarizá-las com a vida cultural da humanidade e ao mesmo tempo, com a necessidade das crianças na vida cotidiana. Estas tarefas são: a) saber ler e escrever; b) familiaridade com uma quantidade de fenômenos e técnicas de medição e suas correspondentes grandezas (aritmética e geometria elementar); c) familiaridade com a constituição do corpo humano; d) compreensão elementar da geografia física

<sup>2</sup> Em russo: "самоуправление" que pode ser traduzida por "autogestão", "autodireção", "organização própria ou local" ou "autonomia". Oprimos por "auto-organização" já que a autora não entende que o termo se aplique à direção de uma escola e sim ao desenvolvimento da organização do estudante (auto-organização) que é transferida para os processos sociais (organização). (NT)

e matemática; e) noções sobre economia, política e cultura cotidiana da vida da República Soviética; e f) noções sobre a vida passada da sociedade humana.

É impossível pretender que a escola de primeiro grau, atendendo crianças com idade de 8 a 12 anos, possa dar a elas uma plena visão de mundo, ou alguma formação política profunda, ou preparação profissional. Por isso não é preciso esperar. A tarefa da escola de primeiro grau é dar à criança aquele conhecimento que a introduz no círculo da cultura moderna. A criança precisa aprender a ler e escrever porque a alfabetização aproxima as pessoas, dá a possibilidade de relacionar-se com as pessoas e superar o espaço e o tempo, a sua experiência estreita se amplia com a experiência de toda a humanidade.

A escola deve familiarizar a criança com uma quantidade de fenômenos e técnicas de medição e suas correspondentes grandezas, porque este conhecimento está na base de toda a realidade das pessoas, particularmente em sua realidade econômica, e quanto mais completo e preciso for o conhecimento que a pessoa possui, mais facilmente é para ela toda a avaliação, todo o planejamento.

É necessário que a escola familiarize a criança com as leis básicas da natureza, com noções elementares de geografia física e matemática, pois tudo isso dá a ela a possibilidade de corretamente orientar-se no ambiente da natureza e determinar a causa dos fenômenos. Sem familiarização com as conquistas da humanidade neste campo a criança irá ficar em poder de todo gênero de preconceito, na atmosfera da idade média.

A guerra mundial produziu o interesse pela vida dos nossos vizinhos; o exército vermelho, nossos antigos e ex-reclusos contam sobre a vida de outros povos; é preciso ampliar esses contos, introduzir neles correções, sistematizá-los, enfatizar o que podemos aprender com eles. O conhecimento da economia,

do regime político e dos costumes de outros países sugeridos na comparação despertam o interesse no próprio país. A compreensão da sua vida, das tarefas colocadas perante ela, isto é, a compreensão de tudo isso na sua forma mais elementar, claro, é necessária para a criança como um membro do todo econômico e político, nos limites do qual ela tem que viver.

Claro, nosso passado recente, isto é, a guerra, a revolução, a guerra civil, abalou profundamente todos os pilares do país; o passado que ainda vive nos contos contemporâneos desperta na criança o interesse, primeiro, no passado recente e, depois, também no passado mais distante. A criança precisa saber as etapas de desenvolvimento da humanidade, precisa saber para que possa compreender o presente, precisa compreender para onde vai o desenvolvimento social. A criança tem um interesse agudo em todas essas questões que despertam para o entorno da vida, é preciso apenas fazer a ligação deste interesse com o estudo dos fenômenos. Quais os caminhos de concretização das tarefas apontadas?

A escola de ensino foi uma escola isolada. O isolamento atingiu seu apogeu na época dos antigos estabelecimentos de ensino fechados. Instituições de educação de moças nobres e escolas militares tentavam formar as crianças sem qualquer contato com o exterior.

Todos condenam as instituições de estudos fechadas, mas, na verdade, será que muitas das nossas escolas infantis não são construídas da mesma forma, isolando as crianças da vida? Será que nossas escolas são suficientemente ligadas ao trabalho vivo da população?

Para muitos dos pedagogos modernos há uma certa tendência da escola em isolar-se da complexidade da vida moderna, de seu lado sombrio, no interior das quatro paredes da escola. E a grande maioria de nossas escolas modernas são, infelizmente,

um tipo de escola isolada. Não há inter-relação entre as escolas e o meio ambiente, e a escola foge da população não menos do que antes.

É preciso instituir de todas as formas esta ligação. Ela deve consistir não apenas em que o professor da disciplina de estudo leve em conta, na escola, o meio ambiente, mas também em estabelecer determinadas inter-relações entre a escola e a população.

A ligação da população com a escola não deve ser aparente (tal como ter espetáculos na escola e neles participarem as crianças e o professor ou então em distribuir materiais da escola) ela deve penetrar em todo o trabalho escolar, constituindo parte integrante deste trabalho. A escola deve reagir à vida. Não importa quão grande seja a utilidade da intervenção da escola na vida, é importante apenas que a escola não feche os olhos para a vida, deseje ativamente interferir nela. Tomemos um exemplo.

Na aldeia, por causa de uma negligência, uma criança se queimou e morreu. Construíram, então, um jardim da infância para as crianças pequenas. O importante é que as crianças-estudantes tomaram para si todo o trabalho com o jardim da infância: ajudam as crianças a reparar as roupas, pintar um quadro para o jardim, a fazer um brinquedo.

Ou aparece uma praga na horta: as crianças aprendem como lidar com isso na escola – vão oferecer seus serviços na luta contra a praga em uma ou outra granja mais fraca. Ajudam a levar e classificar a correspondência, escrever uma carta. As crianças mais velhas sugerem na escola um manual para a população, usando a biblioteca da escola e do conselho de professores, e assim por diante.

Aqui é difícil dar algum modelo. O professor deve apenas usar em cada caso, o que vai ao encontro do pensamento da criança, que pode naquele caso ter este ou aquele resultado, mas

faz isso necessariamente apenas despertando a iniciativa e nunca impondo. Por outro lado, é necessário que também a população olhe para a escola como algo que é seu, próximo, necessário. O professor precisa, portanto, familiarizar a população com o seu trabalho na escola, tornar este trabalho compreensível para ela. Ele deve falar sobre suas dificuldades, indicar onde está a saída, dar a conhecer como é importante para as crianças que elas venham para a escola e que, portanto, elas não podem ficar em casa cuidando dos frangos, quando é preciso que elas estudem etc.

Se o professor souber fazer isso, a população vem em ajuda da escola e ocupa-se da lenha e da limpeza. Claro que nem sempre é fácil convencer uma população, para a qual estas questões nunca foram colocadas antes. Façamos um lanche na escola. Agora, quando o Estado não pode alimentar todas as crianças, é preciso conclamar para esta tarefa os pais das crianças, organizá-los para esta tarefa.

No contexto da aproximação da escola com a população, toma um caráter completamente diferente a participação de representantes da população na escola. Eles podem conhecer o que fazer na escola e fora dela em prol da escola. A participação de representantes da população na escola converte a escola de um estabelecimento “do Estado” em uma escola pública. É importante também que o professor claramente tenha consciência da necessidade da participação ativa de representantes da população na escola, para que ele, de todas as formas, vá ao seu encontro tomando parte e promovendo, ele mesmo, suficientes iniciativas nesta direção.

Passemos agora à questão da escola do trabalho.

Mais compreensível e próxima da população pode ser a escola do trabalho. Desde o início da revolução os operários revolucionários proclamaram que nossa escola deveria ser uma

escola do trabalho. Mas o que é a escola do trabalho? Cada um entende a escola do trabalho do seu jeito e eis que agora, cinco anos depois, de novo começa-se a falar sobre o que é a escola do trabalho. Nós já temos uma experiência negativa em relação a isto. Nós sabemos agora, firmemente, o que é a escola do trabalho, isto é, ela não é simplesmente uma escola que cultiva o amor ao trabalho, não é a escola do trabalho monótono e mecânico, não é a escola só de autosserviço, o que conduz comumente à escola do pseudo-trabalho.

Mas então, o que é a escola do trabalho? Ela pode ser simplesmente uma escola da ação, da atividade? Pode ser importante só para que a criança não assimile passivamente, mas ativamente reaja à percepção e desde cedo seja uma criança que o dia todo exercita na escola a dramatização, ginástica rítmica etc. ou o trabalho produtivo? Não. Nós defendemos, na proclamação de nossa revolução, o princípio da escola do trabalho, mas devemos cuidadosamente decifrar qual sentido nós damos à ideia de escola do trabalho.

Em primeiro lugar, o centro do estudo na escola deve ser a atividade de trabalho da população em seu passado e presente, isto é o mais essencial. A escola do trabalho enfoca todas as questões do programa escolar do ponto de vista do trabalho – na matemática, física, química, história e outras – do ponto de vista da produção, do ponto de vista da população trabalhadora. Reduzir a escola do trabalho ao estudo de “processos de trabalho” usuais significa retirar dela seu espírito vivo, seu principal nervo vital.

Em segundo lugar, na organização da vida escolar o trabalho produtivo das crianças deve jogar um papel preponderante, dominante. Aqui, é claro, o mais importante é a escolha da atividade de trabalho. Carregar água, rachar lenha é trabalho; colher plantas medicinais, desenhar cartazes, organizar o museu

escolar, costurar para os pequenos do jardim da infância, catar cogumelos e ramos – tudo isso é trabalho. Na escolha do trabalho é preciso considerar o interesse da criança, sua compreensão sobre o trabalho produtivo. Só gradualmente a compreensão da criança sobre o trabalho produtivo aproxima-se da compreensão que sobre ele tem a pessoa adulta.

Depois da escolha do trabalho é necessário escolher a forma de trabalho, a qual tem um caráter coletivo: o trabalho coletivo tem maior caráter educativo.

Em seguida, é importante uma abordagem correta para o trabalho. É necessário que as crianças coloquem elas mesmas os objetivos, discutam um plano de trabalho, dividam entre si o trabalho, apontem uma forma de ajuda mútua no processo de trabalho e, depois, que cada um preencha sua função com a maior honestidade e zelo. Assim colocado, o trabalho terá uma grande importância educativa, desenvolverá nas crianças hábitos de organização da vida, mas por outro lado, habitua-os a uma autodisciplina que se aprende não pela ordem, não pelo medo do castigo, mas pela própria essência do trabalho coletivo.

Assim também o trabalho de organização irá contribuir para a criança fazer uma avaliação correta de suas forças. Na escolha do trabalho é preciso ainda orientar para que os objetivos colocados para o trabalho pelas crianças sejam, no início, os mais simples e próximos das crianças e apenas gradualmente se tornem mais complexos e mais distanciados.

Finalmente, nós defendemos a escola do trabalho no sentido de que consideramos o método de estudo pelo trabalho o mais moderno dos métodos. Às crianças dos anos iniciais são dados alguns fatos ou ideias de simples assimilação, depois passamos para aqueles fatos que se explicam através das lições dadas. O próximo passo será passar para o estudo do concreto. Deste, passamos ao método de laboratório, quando a criança através da

experiência verifica as suas informações e, finalmente, a pedagogia moderna introduz o método do trabalho, onde a criança pode mais plenamente estudar o objeto e as influências sobre ele.

Nossa escola deve fazer uso de todos os métodos indicados antes. O professor deve saber com simplicidade e clareza ajustar-se ao estoque de representações das crianças, explicar a elas os fenômenos. Os materiais didáticos devem ter um grande papel na escola: figuras, modelos, coleções e outros constituem parte inalienável do ensino. A escola deve praticar amplamente o método de excursões, que consiste na ampliação do ensino concreto. Deve ser dado ao estudante o mais amplo estudo das informações, através de experiências de verificação, mas o estudo do trabalho – modelagem e reprodução criativa – deve ocupar na escola um lugar excepcional. Ele tem importância especialmente grande no estudo da cultura material, no estudo dos costumes. Ou seja, o trabalho enquanto centro do estudo dos programas escolares, enquanto parte constitutiva da vida da comunidade escolar, enquanto método de estudo. O estudo multilateral dos processos de trabalho da população constitui a base do programa escolar.

Esse estudo multilateral da atividade de trabalho também é politecnismo. Frequentemente compreende-se o politecnismo como multiartesanato. Essa compreensão está errada. A técnica deve ser estudada não apenas em sua forma artesanal, mas em todas as formas, até as mais atuais. Neste estudo, devem entrar também as técnicas da agricultura em todos os seus estágios. Deve ser estudada a ligação da agricultura com a indústria. Como resultado, deve ter-se a compreensão da economia nacional.

Mas o ponto de partida do estudo deve ser o estudo mais completo possível da atividade de trabalho que acontece ante os olhos da criança, próximo dela – aquela atividade da qual ela

pode se apropriar e tomar parte direta. O estudo dessa atividade de trabalho concreta, próxima da criança, coloca-se como base do estudo da vida econômica global do país.

Para a escola do campo, para a urbana, para a escola de fábrica e outras, o ponto de partida será diferente na dependência daquelas condições concretas nas quais a escola trabalha. Neste sentido é que nós falamos sobre esta ou aquela tendência da escola. As mais típicas são as tendências da escola industrial e agrícola. Nestas, pode-se ver qual o fenômeno da vida ao redor é preciso tomar para estudo em uma ou outra condição, e com esses exemplos mostrar como é preciso abordar a tarefa. Mas cada escola deve ter a sua cara, seu enfoque individual para o estudo da atividade de trabalho, na dependência de suas especificidades.

As tendências agrícola e industrial apenas dão o método de abordagem para a escolha dos fenômenos de estudo. O caráter politécnico da escola exclui a tendência profissional. A tendência profissional já é especialização e a especialização é necessária somente sobre uma base de estudo da atividade de trabalho e com base no estudo das forças de interesse específico da criança; a especialização sem essa base conduz à redução da importância da formação e da educação geral da escola.

A auto-organização escolar também tem um significado extremamente importante na relação educativa. Apenas não é preciso, como fazem muitos, confundir auto-organização com direção da escola. São duas coisas completamente diferentes. A direção da escola é uma atividade muito complexa. Ela exige tanto conhecimento das pessoas, como uma compreensão clara das tarefas da escola, além de grande experiência de vida. Nada disso tem a criança, é claro.

Responsabilizar as crianças pela direção da escola significa não ter a menor noção sobre suas forças, desmoralizá-las, formar

nelas ou a superficialidade e presunção, ou mais desconfiança em suas forças.

Claro, é necessário que as crianças gradualmente aprendam sobre gestão e os representantes dos estudantes devem entrar no conselho escolar, onde sua voz deve ser ouvida, mas na questão da gestão da escola a palavra final não pertence a eles.

Outra coisa é a auto-organização. Ela deve ser parte integrante da vida escolar. Com a ajuda da auto-organização as crianças aprendem a encontrar formas de ação conjuntas, as quais devem refletir na vida comum e no trabalho coletivo da comunidade escolar.

A auto-organização é um meio de infundir, dentro de certos limites, vida e trabalho. Para que se aprenda a viver conjuntamente, é preciso aprender a respeitar o trabalho, conhecer as inclinações das outras pessoas, é preciso aprender a levar em conta os outros com suas necessidades e suas emoções. Para aprender a trabalhar junto, é preciso aprender a conhecer o tamanho das suas forças e das forças dos outros.

Tudo isso ajuda na auto-organização escolar, e nem tanto na auto-organização, mas, mais no ensaio coletivo destas formas de auto-organização. É preciso que a auto-organização cresça, por assim dizer, da experiência da criança. Por exemplo, um ofende ao outro, impede que o outro se ocupe de uma questão que lhe interessa – é preciso constituir a regra –, proibir que um atrapalhe o outro etc.

Na relação educativa é importante precisamente o próprio processo de escolha da forma de auto-organização. Naturalmente, é importante também a auto-organização como forma de ensinar a autodisciplina, como hábito para acatar voluntariamente a vontade coletiva.

A auto-organização deve ser cotidiana, deve regulamentar toda a vida da criança em todos os seus aspectos. Os educadores



cometem grande equívoco quando recorrem a uma convocação da assembleia das crianças somente em casos extremos: quando na escola alguém desaparece, quando alguma das crianças faz uma maldade. Eles convertem a assembleia das crianças em um tribunal e isso desvaloriza a importância educativa da auto-organização.

Em geral, a auto-organização deve estar o mais perto possível da vida da criança, nascer dos interesses das crianças. É evidente que ela não pode assemelhar-se à auto-organização dos adultos. De modo algum esta auto-organização deve ser uma cópia da vida política dos adultos, nem deve copiar a democracia ou ainda a república soviética. Aquilo que é bom e costumeiro na organização da vida em uma sociedade de classes é totalmente inaplicável para a vida da comunidade escolar.

A gestão estatal é uma organização hegemônica, resultado da luta entre diferentes classes e seus interesses contraditórios. Na escola a auto-organização é o caminho para organizar o trabalho e o estudo coletivo.

O nascimento da auto-organização somente é possível na escola do trabalho, na escola com amplo desenvolvimento da vida social, onde as crianças estão constantemente organizando-se para fins diferentes.

# AUTO-ORGANIZAÇÃO ESCOLAR E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO<sup>1</sup>

O proletariado almeja dominar o poder estatal não para assegurar direitos e privilégios especiais para si, mas para reconstruir toda a sociedade para que nela não haja lugar para a opressão e a exploração. Mas é necessário fazer isso de fato e não apenas ficar no desejo.

A União Soviética está face a face com essa tarefa de reconstrução. Mas a cada passo somos obrigados a ver como nós, apesar do grande dispêndio de energia e força revolucionárias, frequentemente, nesse ou naquele campo, comparativamente, conseguimos pequenos resultados somente porque não temos hábitos de organização.

Redigimos, imprimimos bons livros, mas não conseguimos colocá-los a tempo onde é necessário, a escola fica sem livro de estudo e toda a energia gasta na organização do livro, sua impressão e o demais, perde-se inutilmente. Recebemos dinheiro para a alimentação escolar, mas não sabemos organizar

---

<sup>1</sup> Escrito no ano de 1923. Publica-se aqui pelo texto da Academia de Ciências Pedagógicas da RSFSR. *Obra Pedagógica em 10 tomos de N. K. Krupskaya*. vol. 3. (Preparação dos textos e notas por E. M. Tsimkhes.) Moscou, 1958.

a tempo a compra de produtos, não sabemos armazenar o que foi comprado e os estudantes ficam sem comer. Marcamos o trabalho voluntário aos sábados, reunimos as pessoas, mas não preparamos pá e vassoura e as pessoas andam de um lado para outro sem tarefa, em vão desperdiçam seu tempo. E assim é em todas as áreas.

Colocar claramente os objetivos, ponderar através de quais forças estes objetivos podem ser atingidos, preparar as condições materiais de realização dos objetivos, escolher as pessoas, organizar um plano de trabalho claro – quem pode ser contra isso? Quem pode ser contra que em cada trabalho antes de tudo seja necessário avaliar e calcular? Mas como acontece na realidade? Na verdade, nós quase sempre fazemos o contrário. Por que isso é assim? Porque a Rússia é um país com relações industriais muito atrasadas, e a história colocou perante ela esta tarefa, com a qual só a própria vanguarda pode se defrontar, nas atuais relações produtivas do país. E como é difícil ter que acertar as contas com a nossa velha economia! Quanta força se gasta em vão!

Evidentemente, no último ano nós aprendemos muito. Nós reduzimos cada vez mais nosso aparato administrativo, organizamos melhor o trabalho, livramos o Estado de uma série de tarefas para ele impossíveis por enquanto, concentrando a nossa atenção no principal. Mas, nós ainda temos muito a aprender em relação a isso. É preciso, tenazmente, aprender a colocar cada um no seu lugar e a usar suas forças da melhor forma.

Nós podemos dizer com toda certeza que a nova geração precisará de hábitos de organização em maior medida do que nós. E nós devemos, em relação a isso, apresentar-se para ajudá-la. Claro, a própria vida vai ensinar a organização para a juventude, mas é necessário que também a escola faça tudo que puder em relação a isso. A questão da organização de toda a vida

escolar – organização das tarefas, do trabalho, do descanso das crianças – deve estar agora no centro das atenções do pedagogo.

Uma das mais importantes funções da auto-organização escolar<sup>2</sup> deve ser o desenvolvimento de hábitos de organização nas crianças.

As crianças já chegam à escola com conhecidos hábitos de organização. Uma das fontes mais importantes de desenvolvimento destes hábitos é o jogo. Quando se fala de jogos no jardim da infância ou na escola, na maioria das vezes é comum falarmos não sobre os jogos em geral, mas sobre os jogos de pega-pega, gato e rato, gorielki,<sup>3</sup> croquet,<sup>4</sup> serso;<sup>5</sup> discute-se quais habilidades desenvolvem este ou aquele jogo, como educar a disciplina, autodomínio, agilidade etc. Ler sobre coleções de jogos, programas escolares de jogos e ver jogos na escola torna-se irritante e ofensivo: tira do jogo sua alma. Os jogos mais prazerosos, mais necessários para as crianças são aqueles em que as próprias crianças colocam os objetivos do jogo: construir uma casa, ir para Moscou, preparar o jantar, matar ursos etc. O processo do jogo consiste na concretização destes objetivos: as crianças fazem planos e escolhem meios para sua realização.

Façamos um trem para viajarmos, feito de cadeiras; façamos uma casa construída de lascas, mas não desta vez – a fantasia das crianças complementa a realidade. Aqui é importante o próprio processo de construção do plano. São importantes os

---

<sup>2</sup> Ver nota 2, p. 106.

<sup>3</sup> Jogo popular russo em que um dos participantes pega outros que fogem dele alternadamente em pares. (NT)

<sup>4</sup> Jogo que constitui em golpear bolas de madeira ou plástico através de arcos encaixados no campo de jogo. (NT)

<sup>5</sup> O jogo envolve um par de aros e uma varinha. Um fica com uma varinha, o outro joga os aros para cair em quem tem a varinha e este tem que encaixar na varinha o aro jogado. (NT)

jogos de um jogador só, bem como os jogos em grupo. Nos jogos coletivos se forma a criança organizadora, a criança líder, que tenazmente dirige-se para um objetivo, arrastando consigo os outros. A questão sobre que papel tem os jogos livres na formação dos hábitos de organização não está esclarecida na literatura pedagógica de forma suficientemente clara, mas a questão tem importância primordial. Ela é mais importante do que, por exemplo, a questão sobre os ideais das crianças.

É importante acompanhar quais objetivos colocam para si as crianças de diferentes idades, de diferentes classes; como estes objetivos mudam com a influência da leitura, contos e outros. É importante acompanhar como a criança realiza seus objetivos e em que consiste a diferença entre crianças desenvolvidas e não desenvolvidas. A literatura pode dar material rico; a maioria dos pintores tem lembranças de criança muito claras. Em verdade, todas estas lembranças passam pelo psiquismo do adulto. É necessário conduzir um grande trabalho na direção da pesquisa dos jogos.

Em conhecido estágio de desenvolvimento a criança começa a não se satisfazer com esquemas (trem de cadeiras, casa de lascas – e outros) e começa a considerar meios reais de concretização. Muda também o caráter dos objetivos que ela se coloca. Nos períodos mais precoces, os objetivos que são colocados no jogo têm um caráter simplesmente imitativo e pode-se dizer que são objetivos apenas em um sentido muito condicional. Os objetivos mais avançados já são pensados com significado motivacional.

Em condições normais, a passagem dos jogos para a vida organizada e o trabalho, provavelmente, segue o seguinte caminho: os objetivos se tornam cada vez mais racionais, instrumentos de execução cada vez mais reais; os hábitos de organização adquiridos no jogo se transformam em hábitos de organização do trabalho, em hábitos de organização da vida.

A escola dá muito pouco lugar ao jogo, logo impondo à criança o caminho para qualquer atividade pelo método das pessoas adultas. Ela não valoriza o papel dos jogos. A passagem dos jogos para os estudos sérios é demasiadamente brusca; entre o jogo livre e os estudos escolares regulamentados nada é colocado para preencher a brecha.

Aqui é preciso formas de transição. Algo semelhante nós encontramos nos escoteiros. A atividade dos escoteiros tem objetivos básicos definidos, mas o atingimento deles é expresso na forma de jogos. Aqui leva-se em conta muito sutilmente o psiquismo da puberdade. Portanto, é preciso conceder amplo lugar a tais organizações, como a organização dos jovens pioneiros, capazes de satisfazer e não eliminar, ainda mais, as necessidades dos adolescentes no jogo.

Usualmente, a escola ignora as habilidades de organização das crianças, obtidas por elas no processo do jogo. Mesmo a organização das tarefas escolares e da vida escolar na antiga escola não dava possibilidade de acrescentar a elas qualquer coisa que fosse hábitos de organização adquiridos e eles, pouco a pouco, se atrofiavam. A escola do trabalho cria exatamente a possibilidade de aplicar e desenvolver estes hábitos. Nisso está sua força. Evidentemente, ela abre estas possibilidades apenas com a correta colocação da questão. Uma das condições de funcionamento correto da escola do trabalho é a ligação orgânica com sua auto-organização escolar.

Na escola de ensino a atividade do estudante se reduz a escutar e memorizar aquilo que o professor falou. A essência da vida escolar, portanto, fica mutilada e pobre. A criança não tem como exercitar a organização. Outra coisa é a escola do trabalho. Ela pressupõe que a criança não apenas ouça e memorize. Ela observa, pergunta, faz experiências, trabalha criativamente. A vida escolar é cheia de movimento e emoção.

Para que a vida seja alegre e organizada, há que se trabalhar para isso. Nos quadros de horários ela mal aparece. É preciso repensar como cada um a organiza, articula e constrói. Repensar isto exige não só uma pessoa, mas todo o conjunto. A vida exige esta discussão conjunta, exige união de forças, exige divisão de trabalho. É impossível pensar a escola do trabalho sem auto-organização. E nós vemos por toda parte onde que se cria uma escola do trabalho, criar-se também a auto-organização escolar.

Enquanto nós não cristalizamos as formas mais modernas da escola do trabalho, nós também não concluimos as formas da auto-organização escolar. Estas formas apenas começam a ser descobertas. Nós encontramos nas escolas o comitê de organização, o comitê de trabalho, comitê de ensino e outros, encontramos grupos de trabalho de diferentes formas e tipos. As formas de auto-organização devem ser propostas em correspondência com as funções organizacionais, as quais se ancoram nos estudantes. Claro que no primeiro nível de ensino, onde o trabalho tem menor envergadura, onde a função da criança é mais limitada, as tarefas são mais simples, e as formas de auto-organização devem ser mais elementares, aproximam-se de uma democracia simples. No segundo nível, onde a envergadura das atividades é mais ampla, o trabalho é mais complexo e já exige uma certa especialização, a auto-organização toma forma mais complexa e clara.

É importante nunca perder de vista que a auto-organização, para ter efeito educativo, influenciar a disciplina das crianças, deve ser compreendida por elas como algo necessário, que decorre de uma dada necessidade. Somente assim elas vão se relacionar com a auto-organização com seriedade. A auto-organização, para seu próprio bem, é assimilada pelas crianças como um jogo no qual elas podem se interessar, mas ao qual a maior parte rapidamente é indiferente.

Começando com as turmas menores, a auto-organização na escola vai tomando, cada vez mais, formas mais profundas e complexas. Portanto, é preciso compreender a auto-organização como um processo, como um desenvolvimento organizacional.

Entretanto, não se deve concluir disso que esse processo deva acontecer sem qualquer influência. Esta influência vai produzir a coexistência (nos grupos e turmas mais velhos) de formas mais complexas e completas de auto-organização. É como se elas fossem uma demonstração às quais se deve aspirar. Assim, onde se concretizam formas mais elementares e mais complexas de auto-organização, as últimas vão, pelo fato de sua existência, acelerando o desenvolvimento da auto-organização nos grupos mais novos.

Qual o papel do professor no processo de construção da auto-organização escolar?

Com a existência de boas relações de companheirismo entre ele e as crianças, seu afastamento da discussão das questões que agitam as crianças seria visto por elas negativamente. Ele não pode se afastar. Claro, ele deve permanecer o mais passivo possível, esforçar-se em não oprimir com sua autoridade, em não tomar para si aquele trabalho que é importante que seja feito pelas próprias crianças.

Em essência, o professor deve influenciar na produção de formas corretas de auto-organização, mas a influência deve ser indireta e não direta. Deve consistir em que ele deve ajudar diretamente as crianças a tomar consciência daqueles problemas organizacionais com os quais elas se enfrentam todo tempo no jogo e na vida.

Nas aulas, nas excursões, com as máquinas, com a cozinha ele deve dirigir a atenção das crianças para as questões organizacionais: deve mostrar como é necessário estabelecer objetivos, como atingi-los sem desperdício de tempo e energia,



como juntar forças, como dividir o trabalho, calcular as forças, avaliar o realizado etc. Assim, pouco a pouco a criança obtém hábitos corretos, tratando coletivamente a resolução dos problemas apresentados pela vida, e isto dá a ela a possibilidade de relacionar-se conscientemente também com o problema, ver como ela se organiza melhor para a execução das tarefas colocadas perante ela, isto é, com as questões da auto-organização. Depois de feito o trabalho indicado antes com elas, o professor e os estudantes vão compreender mais e estar melhor preparados para a tarefa da auto-organização e para introduzi-la na vida.

# SOBRE A QUESTÃO DO TRABALHO SOCIALMENTE NECESSÁRIO DA ESCOLA<sup>1</sup>

Entre as habilidades que devem ser dadas ao estudante pela escola soviética, a habilidade principal é o hábito do ativismo social, porém, não o ativista-solitário, mas o ativista-coletivo.

Em nosso país camponês, é excessivamente forte a psicologia do pequeno proprietário, a psicologia do dono, que prega “cada um por si”, “isso não é comigo”, e assim por diante. Se quisermos que o nosso país siga pelo caminho da cooperação, então junto com as medidas que contribuem para o florescimento material da cooperação de todos os tipos, nós devemos usar amplamente todas as oportunidades disponíveis para a superação ideológica da psicologia do pequeno proprietário.

Um dos pontos fortes nesta luta deve ser a escola. Os livros didáticos devem ser alimentados da primeira à última linha pelo espírito coletivo. É necessário educar sistematicamente, através dos livros, o hábito nas crianças de abordar cada uma das questões, do ponto de vista dos interesses globais. Passar

---

<sup>1</sup> Publicado na revista “Rumo a uma nova escola”, 1926, n. 3. Publica-se aqui pelo texto da Academia de Ciências Pedagógicas da RSFSR. *Obra Pedagógica em 10 tomos de N. K. Krupskaya*. vol. 3. (Preparação dos textos e notas por E. M. Tsimkhes.) Moscou, 1958.

por cada uma das questões mais simples e mais difíceis de tal forma que a criança se habitue a olhar para si mesma como parte do todo – isso nós ainda fazemos muito mal. Precisamos aprender isso.

Outro ponto. Já se escreveu muito sobre o fato de que a auto-organização do estudante dever ser de tal forma que as crianças aprendam a resolver as questões práticas escolares abordando-as do ponto de vista dos interesses de todo o grupo, de toda a turma, de toda a escola. A auto-organização deve fornecer as habilidades para resolver juntos, pelo esforço de todos, os problemas colocados pela vida. Muito já foi dito sobre a importância de a auto-organização ser estruturada de forma que todas as crianças, sem exceção, estejam envolvidas nela, que cada um conduza um determinado trabalho social, pelo qual seria responsável perante o coletivo.

Seria um erro, no entanto, se nos limitássemos a ficar apenas na escola, estudando no espírito do coletivo, até que a auto-organização escolar fosse saturada com o espírito do coletivo, embora ambas as tarefas sejam extremamente importantes. Devemos ensinar as crianças a abordar todos os fenômenos da vida social do ponto de vista do ativista social coletivo.

Nós devemos, primeiramente, despertar nas crianças o interesse profundo pelos fenômenos da vida social. Isso é uma das tarefas principais do programa GUS:<sup>2</sup> abrir os olhos das crianças para aquilo que está ao seu redor. E não apenas abrir seus olhos. O método de estudo destes programas deve ser tal que transmita uma energia emotiva. É importante que os estudantes não só comecem a notar a lama e as poças que existem

---

<sup>2</sup> Conselho Científico Estatal ligado ao Comissariado da Educação Pública. A Seção Científico-Pedagógica deste Conselho conduziu a revisão dos programas da educação básica. Nela existia uma Seção Científico-Pedagógica responsável por estabelecer os programas de ensino. Era conduzida por N. K. Krupskaya. (NT)

no meio da aldeia, mas que eles fiquem agitados com o fato de que a sua aldeia está suja, que há poças nas suas estradas, que está sujeira não as deixe tranquilas, mas as agite. Uma escola é boa quando ela é capaz de educar as crianças de tal maneira que elas se importem com tudo que é público. A velha escola não se importava com nada. Para a escola soviética, tudo é de sua responsabilidade.

Mas isso ainda é uma parte da questão. Precisamos ter o hábito de abordar cada questão ativamente. É necessário consertar a estrada. A estrada está ruim. As crianças entendem a importância disso. Isso as agita. O próximo passo é: o que nós, coletivo escolar, podemos fazer para consertar essa desordem? E aqui começa o trabalho extremamente importante: determina-se a medida das forças possíveis para as crianças, suas habilidades, o desenvolvimento de um plano de trabalho. Falta habilidade. Podemos adquiri-la? Em que momento e de que forma? Será que há força física suficiente? Como distribuir o trabalho entre si da melhor forma? Elas chegam à conclusão de que sozinhas não podem lidar com isso. Com quem devem combinar? Quem pode ser envolvido no trabalho? Como fazer isso?

O balanço de suas forças e habilidades, a capacidade de fazer o trabalho em conjunto, essa é a tarefa que é colocada para os meninos. Aqui, as crianças devem trabalhar sobre estas questões por si mesmas, elas devem ter a chance de errar, deve-se ajudá-las a aprender com os erros.

Quando o professor dá para os meninos suas tarefas semanais no campo do trabalho social e, depois as corrige, o trabalho é posto de forma errada. O professor pode ter a iniciativa, dar conselhos, mas ele não deve ser o protagonista. As tarefas devem ser determinadas pelas próprias crianças, elas devem aprender a ter em conta os resultados. A agitação para promover a “rotação de plantio” – é uma das formas mais comuns de trabalho social

da escola. Suponhamos que o professor dá aos meninos este trabalho, e no final da semana verifica o que foi feito. É correta esta colocação da questão? Não. As crianças devem compenetrar-se do equívoco que é a “rotação de plantio de três folhas”, devem tentar entender o assunto. Verificar o que eles sabem sobre “rotação de plantio de três folhas” e o “afolhamento múltiplo do campo”, trabalhar em cima dos seus conhecimentos, corrigir uns aos outros. Determinar um plano de trabalho, distribuí-lo. E como será a avaliação? – Uma deliberação dos camponeses para mudar para o afolhamento múltiplo do campo, um convite de camponeses ao agrônomo para esclarecer a questão, as medidas tomadas para a transição ao afolhamento múltiplo do campo. A verificação pela vida, pelos resultados alcançados, e não um relatório formal para o coletivo ou professor. Os meninos veem uma bomba danificada no tubo do sistema de combate ao incêndio. Isto os agita. Eles se lançam ao trabalho. A avaliação é a bomba consertada, funcionando.

A capacidade de determinar as tarefas sociais e a capacidade de resolvê-las coletivamente, envolvendo no seu coletivo novas forças (por exemplo, adultos qualificados), a capacidade de combinar com outras equipes interessadas na solução das tarefas colocadas, é isso que a escola deve ensinar. Não importa o grande número de trabalhos sociais que a escola resolverá – “melhor menos, mas com mais qualidade” – o mais importante são as habilidades sociais formadas pela escola.

Nós temos os pioneiros que também não sabem conduzir trabalho social. Eles, ainda mais do que as escolas, consideram como trabalho social uma agitação sem avaliação dos resultados; são ainda menos capazes de levar em conta a sua força insignificante, distribuir o trabalho; eles têm grande autossuficiência e não sabem trabalhar com outras organizações. As habilidades de trabalho social que a escola deve infundir, as crianças vão

também as transferir para os grupos de pioneiros; estas habilidades, por meios dos pioneiros, serão transferidas para grande parte das crianças não organizadas. A geração de jovens vai crescer como agitadores sociais, que sabem como resolver tarefas sociais coletivamente, com a força de todos.

Devemos trabalhar nesta questão.

# LENIN: SOBRE A EDUCAÇÃO E O PROFESSOR PÚBLICO<sup>1</sup>

Filho de um pedagogo dos anos 1860 que trabalhou muito no campo da organização das escolas primárias, Vladimir Ilitch sempre levava perto do coração a tarefa de organização da educação pública, e tinha alta consideração pelo papel do professor. Suas palavras em “Páginas do diário” são muito bem conhecidas, por isso não há necessidade de repeti-las.

Vladimir Ilitch sempre levou em conta o fato de que a grande maioria do magistério está próxima da classe operária e dos trabalhadores camponeses, e vive seus interesses. Este fato levou-o a ter confiança no magistério. Exemplo deste tipo de relação é seu discurso no II Congresso de Toda a Rússia dos Professores Internacionalistas que ocorreu em janeiro de 1919.

Os líderes da união dos professores internacionalistas tinham medo de expandir os quadros do sindicato, pois pensavam que uma luta feroz estava instalada entre os professores que desde o começo defenderam o poder soviético, e os professores

---

<sup>1</sup> Publicado na revista *No caminho da nova escola*. 1927, n. 10. Publica-se aqui pelo texto da Academia de Ciências Pedagógicas da RSFSR. *Obra Pedagógica em 10 tomos de N. K. Krupskaya*. vol. 2. (Preparação dos textos e notas por P. I. Kulikova.) Moscou, 1958.

que apoiavam a velha ordem, e esta luta exigia cautela. Esta luta já durava um ano. Ao falar no congresso, Lenin começou expressando confiança de que agora, após um ano de luta, ela deve chegar ao fim. Ele disse:<sup>2</sup>

É impossível duvidar que a grande maioria do pessoal do magistério esteja próxima da classe operária e dos trabalhadores camponeses, que em sua grande maioria ela está agora convencida das raízes profundas da revolução socialista, de como é inevitável que a revolução se estenda por todo o mundo, e eu penso que agora, a grande maioria do magistério, sem dúvida, vai se levantar e ficar ao lado do poder dos trabalhadores e explorados, na luta pela revolução socialista e na luta contra aquela parte do magistério que até agora permanece no terreno dos velhos preconceitos burgueses e da velha ordem, da hipocrisia, imaginando que pode conservar algo daquele regime.<sup>3</sup>

E porque Lenin estava convencido de que o professor público estava de comum acordo com a massa e junto com ela seguiria o poder soviético, ele defendeu um sindicato amplo de professores. Ele disse:

(...) agora a tarefa principal daquela parte do magistério que ficou com a Internacional, que ficou no terreno do poder soviético, é cuidar da criação de um sindicato de professores o mais amplo e abrangente possível.<sup>4</sup>

Lenin disse ao sindicato dos professores internacionalistas:

---

<sup>2</sup> As notas com citações de obras de Lenin não estão atualizadas em relação aos tomos e páginas de reedições de suas *Obras completas*, posteriores à data de publicação do original russo em 1958, citada antes. Por exemplo; o texto do Instituto de Marxismo-Leninismo "N. K. Krupskaya: obras escolhidas" (Moscou: Politizdat, 1988) já apresenta citações diferentes em função das novas reedições. De toda forma, este fato não prejudica o entendimento do texto da autora, objeto desta publicação. (NT)

<sup>3</sup> Lenin, V. I. *Obras completas*. vol. 28, p. 385. (ER)

<sup>4</sup> *Id.*, p. 385. (ER)



(...) a tarefa de seu sindicato é atrair as mais amplas massas de professores em sua família, a tarefa de educar as camadas mais atrasadas do magistério, subordiná-las à política geral proletária, juntar-se em uma única organização.<sup>5</sup>

Nestes termos, Vladimir Ilitch expressou claramente o seu ponto de vista sobre o sindicato como uma “escola de comunismo”. Ele disse que os elementos democráticos hesitantes, por força das circunstâncias, obrigatoriamente passarão para o poder soviético, porque eles se convenceram de que qualquer outro caminho involuntário os levará para o caminho da proteção da Guarda Branca<sup>6</sup> e do imperialismo internacional. Vladimir Ilitch não poderia imaginar, é claro, que os sindicatos de professores pudessem permanecer “neutros”. Ele não tinha nenhuma dúvida em relação a qual lado iria ficar o sindicato dos professores na luta entre trabalho e capital. Ele acreditava que “membros com plenos direitos dos sindicatos profissionais podem ser apenas aqueles sindicatos que reconhecem a luta de classe revolucionária pelo socialismo, através da ditadura do proletariado.”<sup>7</sup>

Neste seu discurso, Lenin falou sobre aquelas imensas tarefas que serão enfrentadas pelos sindicatos. A principal tarefa do sindicato será a luta para que:

(...) o conhecimento e as ciências deixem de ser um assunto de privilegiados, deixem de ser um material que reforça a posição dos ricos e dos exploradores, e se tornem um instrumento de libertação dos trabalhadores explorados.<sup>8</sup>

---

<sup>5</sup> *Id.*, p. 386. (ER)

<sup>6</sup> Soldados do Exército Branco que compunham um movimento político-militar que atuou durante a guerra civil na Rússia entre 1917 e 1923. Lutavam para derrubar o regime soviético. (NT)

<sup>7</sup> Lenin, V. I. *Op. cit.* vol. 28, p. 387. (ER)

<sup>8</sup> *Id.*, p. 388. (ER)

Um amplo sindicato de professores é necessário para que seja possível criar uma nova escola socialista. Vladimir Ilitch disse:

A burguesia colocava no topo dos assuntos da escola a sua política burguesa e se esforçava em reduzir a tarefa escolar à preparação para a burguesia (...) de servos humildes e eficientes, executores e escravos da vontade do capital, nunca se importando em fazer da escola uma ferramenta da educação da personalidade humana. E agora está claro para todos que isso só pode ser feito pela escola socialista, que está em estreita ligação com todos os trabalhadores e explorados, que ficam não por medo, mas por consciência, na plataforma Soviética.<sup>9</sup>

Nesta declaração de Vladimir Ilitch, há um pensamento especialmente importante – o de que apenas a escola socialista pode ser um instrumento da educação da personalidade humana. Esta ideia deve ser objeto de especial ênfase. Nossa escola soviética entusiasmando-se, por razões plenamente compreensíveis, com a questão da educação coletivista, deixa à sombra a questão sobre a educação da personalidade humana. A escola organizada pelos estados capitalistas é uma escola de ensino, uma escola da disciplina coercitiva, que suprime a independência da criança, impede o desenvolvimento da personalidade humana, distorce-a. Somente a escola do trabalho, uma escola estreitamente ligada à vida circundante, com os interesses da criança, que abre para ela diferentes esferas de aplicação das suas forças, é uma escola que ensina a vida coletiva, que coloca ante as crianças objetivos elevados e que, pela primeira vez, cria condições para o desenvolvimento da personalidade humana.

A educação coletivista deve estar ligada com a educação multilateral do desenvolvimento da pessoa internamente disci-

---

<sup>9</sup> Lenin, V. I. *Op. cit.*, p. 386. (ER)

plinada, capaz de sentir profundamente, de pensar com clareza e agir de forma organizada.

No presente momento, quando o conteúdo de ensino na escola já está determinado, as questões de educação cada vez mais e mais se sobressaem em primeiro plano, cada vez mais atraem para si a atenção do magistério. E agora, a declaração de Vladimir Ilitch tem, portanto, especial valor.

No mesmo discurso, falando da necessidade de uma estreita ligação entre a escola e a política, Vladimir Ilitch acrescentou:

É claro que a reconstrução da escola é uma questão difícil. E, é claro, que aconteceram e atualmente observam-se erros, tentativas distorcidas do princípio de ligação da escola com a política, e deturpadas em um sentido grosseiro e disforme, quando tentam inabilmente introduzir esta política nas mentes ainda jovens da juventude, aos quais é preciso preparar. E não há dúvida que contra esta aplicação grosseira do princípio básico, nós sempre temos que lutar.<sup>10</sup>

O que tinha em mente Vladimir Ilitch? De seus outros discursos é evidente que, por distorção do princípio da ligação da escola com a política, ele tinha em mente a transformação da educação em seu espírito comunista, em um novo ensino no qual as crianças não são obrigadas a memorizar e a repetir coisas que elas não entendem, onde elas conectam o ensino com o trabalho social, onde ensinam os estudantes a viver e trabalhar juntos, a ajudar uns aos outros, onde não convertem o comunismo em algo que não tem nada em comum com o comunismo vivo, verdadeiro.

Quase nove anos se passaram desde esse discurso de Vladimir Lenin. Já faz tempo que os professores participam da plataforma do poder Soviético, procurando educar os jovens

<sup>10</sup> *Idem*, vol. 28. (ER).

no espírito do leninismo, preparando a próxima geração que vai sensibilizar-se com a causa de Lenin e levá-la até o fim. Os objetivos que se colocam aos trabalhadores da educação pública são enormes tanto pelo seu valor, como pela sua profundidade e abrangência. Lenin nos ensinou a ter confiança nos trabalhadores da educação.

Os trabalhadores da educação vão segurar cada vez mais firme a bandeira de Lenin, levantá-la alto.

# SOBRE O POLITECNISMO<sup>1</sup>

1. Nosso país era um dos mais atrasados industrialmente até agora. Hoje, ele está no caminho da industrialização, e as habilidades de trabalho atrasadas, praticadas por séculos, estão morrendo, estão sendo substituídas pela grande industrialização moderna, construída sobre a base das últimas novidades da ciência. Está em marcha a reconstrução de toda a economia nacional.

2. Mas, independentemente do nosso atraso, a grande indústria moderna que sustenta o curso de nosso país não é algo estável. Como foi apontado por K. Marx em seu tempo, as mudanças graduais nos processos de produção, as constantes mudanças na base técnica da produção e a permanente reorganização da produção são as características desta industrialização. Do trabalhador moderno são exigidas, portanto, habilidades para adaptar-se a todas as condições de mudança da produção e o domínio de novos métodos de produção. Em nosso país,

<sup>1</sup> Publicado em *Educação pública*, 1929, n. 5. Publica-se pelo texto da Academia de Ciências Pedagógicas da RSFSR. *Obra Pedagógica em 10 tomos de N. K. Krupskaya*. vol. 4. (Preparação dos textos e notas por F. S. Ozersky.) Moscou, 1958.

no qual é preciso ter o mais rapidamente possível uma base produtiva para a construção socialista, onde a cooperação da população tem um papel importante na reconstrução, onde é impossível realizar uma revolução em toda a economia do país sem a participação das próprias massas, como já foi constantemente enfatizado por Lenin, a perspectiva politécnica das massas tem um papel crucial.

3. A reconstrução de toda a economia nacional desperta nas massas, inclusive nas crianças, o interesse pela técnica, o que cria *condições favoráveis para o ensino politécnico*, aprofundando o interesse e fornecendo com ele uma base científica.

4. É necessário que nossas instituições, começando desde o jardim de infância, não apaguem este interesse, mas o desenvolvam por todos os meios através da comunicação dos fatos adequados, da compreensão científica deles, através da criação dos livros apropriados para leitura, por meio de demonstrações, excursões, exposições, observações, por meio do estudo do processo de trabalho etc. É necessário inspirar os estudantes pelo romantismo da tecnologia moderna.

5. Com o objetivo de familiarizar praticamente com as técnicas modernas, deve ser usada cada estação de eletricidade, cada oficina ferroviária, cada trator, cada máquina de costura, cada oficina, cada fábrica.

6. Em que consiste o *conteúdo* da educação politécnica? Seria um erro pensar que esse conteúdo se reduz apenas à aquisição de uma determinada quantidade de habilidades (como Gastev<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Alexei Kapitonovich Gastev (1882-1939), revolucionário russo, ativista sindical, poeta e escritor, teórico da organização científica do trabalho e chefe do Instituto Central do Trabalho. O ICT foi criado em 1921 por determinação de Lenin. Membro do PCUS (b) desde 1931 e um dos ideólogos do *Proletkult*, Gastev era chamado de o "Taylor russo": engenheiro, executivo de negócios, um economista, ele estudou profundamente a ciência avançada da Organização do

pensa) ou a diferentes habilidades artesanais, como acreditam outros, ou apenas ao ensino das modernas e mais altas formas das técnicas (como Pankevich<sup>3</sup> pensa). O Politecnismo é um sistema global na base do qual está o estudo da técnica nas suas diferentes formas, tomadas em seu desenvolvimento e em todas as suas mediações. Isso inclui o estudo das “tecnologias naturais”, como Marx chamava a natureza viva, e a tecnologia dos materiais, bem como o estudo dos meios de produção, os seus mecanismos, o estudo das forças motrizes – energética. Isso inclui o estudo da base geográfica das relações econômicas, o impacto dos processos de extração e processamento nas formas sociais do trabalho, bem como o impacto destas em toda a ordem social.

7. Politecnismo não é alguma matéria específica de ensino, ele deve impregnar todas as disciplinas, refletir-se na seleção do material tanto da física como da química, bem como nas ciências naturais e nas ciências sociais. É preciso uma articulação mútua dessas disciplinas, e uma ligação delas com atividades práticas, especialmente a articulação delas com o ensino do trabalho. Somente tal combinação pode dar um caráter politécnico ao ensino do trabalho.

---

Trabalho e superou Taylor no desenvolvimento de métodos para a Organização Científica do Trabalho. Se para Taylor dos três fatores de produção – tecnologia, organização e pessoas – a preferência foi para os dois primeiros, para Gastev o principal elemento das forças produtivas era o homem. Antes da revolução, ele trabalhou como mecânico nas fábricas da Rússia e da França (onde ele se formou na Faculdade de Ciências Sociais), em 1913-1914, nas fábricas de Petrogrado “Ayvaz” e em um laboratório de pesquisa, onde começou a introduzir o taylorismo. Em 8 de setembro de 1938 foi preso pelo Comissariado do Povo para Assuntos Internos da União Soviética (a NKVD), e em 15 de abril de 1939 foi fuzilado – igual destino teve, antes, Pistrak. (NT)

<sup>3</sup> Pavel Ya Pankevich (1895-1938), estudioso e professor. Acadêmico da Academia Nacional de Ciências (1931). Foi preso em 1937 e condenado à morte. Reabilitado em 1956. (NT)

8. Sem dúvida, o programa construído politecnicamente exige dos estudantes, mais do que qualquer outro, a capacidade de observar, aprofundar e verificar sua observação por meio da experiência, da prática, em especial na prática do trabalho, e exige a capacidade de registrar as suas observações e tirar delas conclusões.

9. O ensino do trabalho numa escola politécnica deve dar aos estudantes, por um lado, os hábitos gerais de trabalho (tais como: capacidade de colocar metas específicas para o seu trabalho, planejar seu trabalho, fazer cálculos, elaborar desenhos, distribuir racionalmente o trabalho entre si, trabalhar coletivamente, habilidade de usar economicamente o material, manusear ferramentas, executar determinados detalhes acessíveis para uma determinada idade, cuidados no trabalho etc.); por outro lado, compreende os processos de trabalho do ponto de vista técnico, a organização do trabalho, seu valor social (é claro, novamente, em correspondência com a idade e experiências de vida dos estudantes).

10. A instrumentação com hábitos de trabalho ajuda a aprofundar a realização do trabalho socialmente necessário da escola, que é de grande importância na tarefa da educação dos hábitos de trabalho coletivos e na questão da educação, junto às crianças, de uma atitude social para o seu trabalho.

11. Salas para desenho e desenho técnico, laboratórios, oficinas, terreno para experiências são instalações escolares necessárias. No entanto, a escola deve esforçar-se para organizar o trabalho das crianças na própria produção.

12. Sem dúvida, a escola politécnica tem diferentes formas nos seus diferentes estágios. Na primeira etapa, a educação do trabalho tem, necessariamente, um caráter geral. Mas na escola de sete anos, no ponto de partida, já se toma algum ramo da produção específico (como podemos ver, por exemplo, na escola



para adolescentes ShKM e na escola FZS<sup>4</sup>). No entanto, na escola de sete anos não há ainda especialização. Sua finalidade é que os estudantes compreendam a produção mais básica, ajudá-los a entender as relações técnicas e econômicas de um dado ramo da produção com uma série de outras, instrumentalizar a capacidade de ligar a teoria com a prática. Em uma segunda etapa, já deve ser dada uma especialidade conhecida, entretanto esta especialidade é dada de tal forma que, fornecendo habilidades necessárias em uma profissão específica, amplia simultaneamente o horizonte politécnico do estudante.

13. A escola politécnica diferencia-se de uma escola profissional por ter o centro de gravidade na compreensão dos processos de trabalho, no desenvolvimento da capacidade de unir num todo único teoria e prática, na capacidade de compreender a interdependência dos fenômenos conhecidos, enquanto que o centro de gravidade da escola profissional passa pela capacitação dos estudantes em habilidades de trabalho.

14. No entanto, a natureza da grande indústria moderna é tal que ela demanda especialistas do tipo que poderiam se adaptar a todas as mudanças nas condições de produção, e por

---

<sup>4</sup> Na edição deste texto pelo Instituto de Marxismo-Leninismo chamado "N. K. Krupskaya: obras escolhidas" (Moscou: Politizdat, 1988) há uma nota explicativa sobre estes tipos de escola: "ShKM eram escolas da juventude no setor da economia coletiva (*kolkhoz*) (até 1930 dos camponeses) com três anos de educação geral que se seguem a quatro de educação inicial. Existiam desde 1924. Juntavam a educação geral em uma escola de sete anos com teoria e prática no estudo da economia rural. Em 1934 foram reformuladas em uma escola média incompleta. FZS era um dos tipos de escolas fabris de sete anos de ensino geral que existiu entre 1926 e 1934. Desde 1931 transformaram-se em um novo tipo de escola de educação geral nas cidades e povoados de operários. Em 1934 em ligação com a organização de uma única estrutura de escola inicial e média, as FZS foram reorganizadas em escola média incompleta ou escola média (Deliberação do SHK do SSSR e Comitê Central do VKP(b) de 15 de maio de 1934)". (NT)

isso, cada vez mais e mais começa a colocar uma base politécnica sob o ensino das habilidades também nas escolas profissionais (pelo menos nos setores onde predomina a grande produção).

15. Mas corretamente, a organização da educação politécnica forma um trabalhador desenvolvido integralmente, o qual o capitalismo não precisa. Por isso, sob o capitalismo, a escola politécnica não pode se desdobrar completamente.

16. O fraco desenvolvimento da grande produção em nosso país soviético impede o desenvolvimento da escola politécnica. No entanto, a cada ano esse obstáculo será enfraquecido e a escola soviética terá cada vez mais e mais uma forma politécnica.

## O QUE O PROFESSOR DEVE DOMINAR PARA SER UM BOM EDUCADOR SOVIÉTICO<sup>1</sup>

A melhoria da qualidade de ensino escolar exige que o professor domine a arte de ensinar. O que é preciso para isso? A Seção Escolar da Comissão Científica Estatal trabalhou sobre esta questão e tirou conclusões apropriadas. Este artigo apresentará estas conclusões.

O professor, antes de tudo, deve *conhecer sua matéria*, a ciência que ele ensina e sua fundamentação. O professor deve entender a própria essência da ciência, seu estado atual, as principais etapas do seu desenvolvimento, a sua relação com outras ciências, com as relações sociais, entender seu peso específico na construção social, sua ligação com a vida, com a prática. Em uma palavra, ele deve dominar o *fundamento dialético da ciência*, o qual é o único que pode abrir completamente todos os traços específicos, toda a particularidade de uma dada ciência. A base da ciência pode ser entendida

---

<sup>1</sup> Publicado em *Pela educação comunista*, 1933. 20 de junho, n. 140. Publica-se aqui pelo texto da Academia de Ciências Pedagógicas da RSFSR. *Obra Pedagógica em 10 tomos de N. K. Krupskaya*. vol. 3. (Preparação dos textos e notas por E. M. Tsimkhes.) Moscou, 1958.

escolasticamente, idealistamente. Mas o professor soviético deve compreender sua dialética.

O conhecimento dos fundamentos dialéticos da ciência ensinada pelo professor é uma condição necessária, mas está longe de ser suficiente. Outra condição é a *capacidade de transmitir seus conhecimentos aos outros*, a capacidade de *ensinar* a matéria, o fenômeno, não de ensinar tudo, mas o mais essencial, o mais importante, utilizando todos os meios da técnica moderna.

Ele deve ser capaz de *explicar* o fenômeno, compreender além disso o seu caráter concreto, saber conduzir do particular ao geral, possuir um método de análise e síntese, deve ser capaz de *demonstrar* para o estudante a exatidão das suas afirmações, ele deve *ajudar o estudante a assimilar*, memorizar o material fornecido, ensinar a *aplicar* os conhecimentos adquiridos na prática, transformar o conhecimento em alavanca de desenvolvimento. Há uma enorme experiência em relação a isso, mas na maioria dos casos, ela tem um caráter puramente empírico. Apenas os últimos avanços da ciência, particularmente a psiconeurologia, dão a possibilidade de fundamentar materialistamente os métodos de transferência de conhecimento.

E, finalmente, em terceiro lugar, o professor deve dominar uma pedagogia, isto é, o *conhecimento das peculiaridades da idade, da percepção e do pensamento da criança, de suas condições de desenvolvimento em cada idade, o volume da experiência de vida das crianças modernas, a natureza e a profundidade desta experiência*. Deste ponto de vista devem ser pensados os métodos de transmissão dos conhecimentos às crianças.

O professor de *qualquer* matéria deve ter conhecimento dos fundamentos da dialética da ciência ensinada por ele, dominar os métodos gerais de transmissão de conhecimentos, conhecer as especificidades etárias do pensamento da criança, o volume e a natureza da sua experiência de vida.

Mas cada matéria, *cada campo do conhecimento tem suas próprias características, suas próprias dificuldades* que são claramente refletidas na história de desenvolvimento desta área do conhecimento, no *seu método predominante de conhecimento* (por exemplo, nas ciências naturais o papel excepcional fica com a observação e a experiência; em matemática é com a lógica formal etc.), na *natureza da ligação da teoria com a prática* (a ligação da teoria com a prática na matemática é de uma natureza, na literatura é de outra, e nas ciências naturais é de outra ainda etc.). Graças a estas especificidades, *cada* matéria deve ser pensada do ponto de vista do seu ensino para crianças de diferentes idades, deve ser pensada em que sequência e como deve ser ensinada. *Essa é a essência dos métodos particulares.*

Precisamos *estudar toda a experiência humana* no campo do ensino – a experiência dos países que há muito tempo se tornaram líderes em termos do seu desenvolvimento cultural, em particular, *devemos analisá-la*, reelaborá-la sob o nosso ponto de vista, em ligação com as nossas condições atuais. Nós temos uma experiência rica do Ocidente, dos Estados Unidos, e a experiência da Rússia pré-revolucionária. Ela deve ser profundamente estudada e reformulada. Deve ser estudado e analisado o grande trabalho criativo do magistério durante a existência do poder soviético em cada área de conhecimento.

Transmitir para os novos professores as técnicas de ensino também tem as suas próprias especificidades. Aqui é necessária uma apresentação popular, especificidade, ilustração com exemplos, é necessária uma correta colocação da prática.

O estudo dos fundamentos teóricos do processo de ensino, a observação desse processo em ação, a análise do observado e a avaliação sistemática da prática de ensino em cada matéria é outra tarefa que exige um enorme trabalho coletivo dos professores soviéticos.

# OS ENSINAMENTOS DE MARX PARA O EDUCADOR SOVIÉTICO – GUIA PARA A AÇÃO<sup>1</sup>

“Os ensinamentos marxistas são poderosos, porque são verdadeiros”,<sup>2</sup> escreveu Lenin. Vinte anos da existência do nosso País Soviético é uma demonstração da veracidade, da correção desses ensinamentos.

Os professores soviéticos precisam armar-se com o conhecimento e a compreensão desses ensinamentos, eles irão ajudá-los a ir na direção certa na questão da educação da geração mais jovem.

Seria um grande erro pensar que, para o professor, é suficiente conhecer apenas as citações de Marx que se referem às questões de educação e formação. O professor deve conhecer bem a essência dos ensinamentos de Marx, de ensinamentos que, como Lenin indicou, dão “às pessoas toda visão de mundo, irreconciliável com qualquer superstição, com qualquer reação, com qualquer defesa da opressão burguesa.”<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Publicado em *Pedagogia Soviética*, 1938, n. 5. Publica-se aqui pelo texto da Academia de Ciências Pedagógicas da RSFSR. *Obra Pedagógica em 10 tomos de N. K. Krupskaya*. vol. 3. (Preparação dos textos e notas por E. M. Tsimkhes.) Moscou, 1958.

<sup>2</sup> Lenin, V. I. *Obras completas*. vol. 19 p. 3. (ER)

<sup>3</sup> Lenin, V. I. *Idem*. (ER)

Lenin, desde o início da organização do Commissariado da Educação Pública, insistiu na construção dos programas escolares de tal forma que eles fornecessem as bases de uma visão de mundo marxista plena. A visão marxista do mundo é *materialista*.

Deste ponto de vista, a ciência da natureza deveria ocupar um importante lugar nos programas. Mas, além disso: Marx ensinou a tomar cada fenômeno em todas as suas conexões e mediações, tomar cada fenômeno em seu desenvolvimento. Vladimir Ilitch particularmente enfatizava este aspecto no debate sobre os sindicatos profissionais em 1921. E em nossos programas, tivemos que considerar este aspecto: construir não apenas com base na visão de mundo materialista, mas com base no *materialismo dialético*. Portanto, o nosso programa teve que prestar atenção especial na teoria da evolução, nos ensinamentos de Darwin, dar atenção especial à geologia, ilustrando importantes momentos da história da origem da Terra e mudança da sua forma.

Mas Marx e Engels estudavam do ponto de vista do materialismo dialético não só os fenômenos da natureza, mas também os fenômenos sociais, fenômenos da vida social presente e do passado. O *materialismo histórico* é de grande importância no sentido de que ele não só descreve os acontecimentos históricos, mas ele explica as razões, e com isso, leva a uma compreensão da realidade para entender como, por quais caminhos pode-se transformar o mundo capitalista em socialista, para entender o que é o socialismo.

Vladimir Ilitch, dando um valor especial à reconstrução dos programas, exigiu que eles fossem fortemente sustentados no espírito do marxismo. Ele indicou a Lunacharsky, que dedicava pouca atenção a esta questão, que fortemente se empenhasse em organizar uma Seção Pedagógica no Conselho Científico Estatal

(GUS). Mesmo doente, Vladimir Ilitch estava interessado no trabalho desta seção.

Em que direção deveria ir a reestruturação dos programas? A reconstrução dos programas não se limitava apenas à sua ampliação por meio da introdução de uma série de matérias suplementares. Ao contrário, em seu discurso no III Congresso da Juventude Comunista, Lenin disse que a velha escola estava ocupando a memória dos estudantes com coisas inúteis, nove décimos das quais desnecessárias. Era necessário, primeiro, limpar os programas deste lixo. Tinha que gastar muito mais tempo no ensino da ciência natural, e além disso, colocá-la de tal forma que se desse o mais básico, essencial, e não ofuscar o estudante com bobagens desnecessárias, ligar estreitamente a teoria com a prática, tomar os fenômenos em seu desenvolvimento.

Era necessário dar uma atenção especial ao ensino da *biologia*, ao estudo racional da teoria da evolução e do ensino da *geologia*. A articulação da biologia com a saúde e a agronomia; *geologia* com a geografia. O estudo da estrutura da Terra ligado com a ciência do solo teve especial importância.

A história tinha que ocupar um lugar excepcionalmente importante nos novos programas. Na antiga escola, ensinava-se por Ilovaiski.<sup>4</sup> Uma característica específica desse ensino de história era que os eventos históricos nunca fossem explicados, tomados fora do contexto da época ou fora de sua ligação com o modo de produção social. Era necessário construir um programa como exigia o materialismo histórico. Era necessário criar um curso resumido da história popular totalmente novo, onde seria dado o mais básico, o essencial.

---

<sup>4</sup> Dmitri Ilovaiski (1832 -1920) – Doutor em história da Rússia, publicou o livro sobre a História da Rússia em cinco volumes. Era conhecido como autor de livros didáticos de história para os ginásios. Seu livro apareceu em 1860 e por mais de 50 anos foi reimpresso inúmeras vezes.



Finalmente, era necessário, para dar às crianças alguma compreensão da realidade, examinar em qual direção seguia a reestruturação de todo o regime social. A literatura artística devia ajudar esta compreensão. Todo o conhecimento relatado devia ser ensinado de uma maneira nova, os programas deviam lançar as bases de uma visão de mundo plena, intimamente associada com a compreensão daquilo que está acontecendo na vida.

O materialismo histórico ajudou Marx a analisar profundamente a era em que ele viveu (Marx nasceu em 5 de maio de 1818, 120 anos atrás, e morreu em 1883).

Essa foi a era do desenvolvimento do fortalecimento do capitalismo. Marx estabeleceu que a sociedade capitalista é uma sociedade de classes e revelou a causa da divisão da sociedade em classes. A burguesia é uma classe exploradora, o proletariado é a classe dos explorados. A base da exploração é a propriedade privada dos instrumentos de produção, dos meios de produção.

Por outro lado, Marx esclareceu toda a profunda contradição de interesses da burguesia e do proletariado. Marx assinou que, a fim de erradicar o mal pela raiz, era preciso tirar da burguesia os meios de produção, torná-los propriedade pública, e quem conseguirá isso, lutará por isso, será aquela classe que está mais interessada nisso, a classe operária.

Estas ideias básicas, tomadas em conjunto, foram pela primeira vez formuladas por Marx e seu colaborador mais próximo e ajudante em toda a obra, Engels, no *Manifesto comunista*. O *Manifesto* foi escrito em 1847, no momento em que a revolução de 1848 estava amadurecendo na França e na Alemanha. O *Manifesto* nasceu no cadinho da luta revolucionária. Ele terminou com um apelo: “Proletários de todo o mundo, uni-vos!”

Quando nós na Rússia, na década de 1890, começamos a desenvolver o movimento operário, Vladimir Ilitch considerou

necessário, especialmente aos operários, familiarizarem-se com os fundamentos do marxismo, especialmente os operários. O *Manifesto comunista* não foi naquele tempo traduzido para o russo, nós, os então marxistas, nos familiarizamos com ele pelo idioma alemão. Quando, na aldeia de Shushenskoye, eu dava aulas para o operário finlandês Oscar Engberg, que havia estado conosco no exílio, Vladimir Ilitch me aconselhou a começar as aulas a partir da apresentação dos ensinamentos fundamentais de Marx de forma breve e clara como definida no *Manifesto comunista*; traduzir para ele os pontos mais importantes do livro (tínhamos o texto em alemão) e, em seguida, proceder ao estudo de capítulos individuais do volume I de *O capital*. Desde então, passaram-se quase 40 anos, e eu até esqueci isso, mas no ano passado, Oscar, que após o exílio voltou para a Finlândia, veio visitar o Museu de Lenin em uma excursão, e nós não havíamos nos encontrado com ele desde então. E ele trouxe os cadernos para o Museu de Lenin, onde sob o meu ditado foi escrita a tradução dos trechos do *Manifesto comunista*.

Parece-me que nas faculdades de formação de professores certamente é necessário dar as bases do marxismo, estudar o *Manifesto comunista*; isto facilitará ao professor a compreensão do que e como ensinar em uma escola. Para um estudante em uma faculdade de formação de professores ficará claro por que é necessário dar especial atenção ao ensino da ciência natural e da história, como deve-se ensinar uma e outra, e como deve-se colocar as questões de educação.

Fala-se sobre educação no *Manifesto comunista*. Mas antes disso, vou apresentar algumas afirmações de Marx sobre as crianças, feitas até 1847.

Marx, como é dito nas memórias sobre ele, gostava muito de crianças, gostava de brincar com elas, especialmente com

os pequeninos. E numa declaração interessante de 1842 no *Rheinische Zeitung*, ele escreveu:

As crianças, falando de si mesmas, em geral não se chamam pelo pronome 'eu', mas com os correspondentes nomes próprios: 'George' e outros.<sup>5</sup> (...) O espaço é o primeiro fenômeno que impressiona a criança pelas suas dimensões. Nesta forma, pela primeira vez, a criança reconhece a grandeza do mundo. Por isso, a criança considera qualquer homem adulto – como um homem grande.<sup>6</sup>

Fiquei impressionada com essa atenção de Marx às características etárias das crianças; o que Marx escreveu sobre as crianças em idade pré-escolar corresponde à realidade. Olhem os desenhos das crianças. Elas desenhavam Voroshilov<sup>7</sup> como uma pessoa muito grande, alta, e todas as outras pessoas presentes na reunião são pequenas.

Lendo como Marx estudou as características da idade pré-escolar, o professor vai deixar de ter medo de levar em conta as características de idade das crianças.

Marx observou a educação incorreta das crianças. E no mesmo *Rheinische Zeitung*, no mesmo ano, ele escreveu: "O imperfeito precisa de educação. Mas será que a educação não é uma coisa humana, portanto, uma coisa imperfeita? Será que a própria educação não precisa de educação?"<sup>8</sup>

Marx viu como o envolvimento de mulheres e crianças nos trabalhos da fábrica cria o abandono infantil, como a pobreza das massas operárias faz com que as crianças trabalhem acima

---

<sup>5</sup> Marx, K. e Engels, F. *Obras completas*, 2ª edição, tomo 1, p. 30. (ER)

<sup>6</sup> *Idem*, p. 32. (ER)

<sup>7</sup> Kliment Yefremovich Voroshilov (1881-1969) foi um importante militar da era soviética durante o período stalinista. (NT)

<sup>8</sup> *Idem*, p. 54. (ER)

de todas as forças. Marx, em 1844, opondo-se ao autor de um artigo assinado por “Prussiano”, escreveu:

Esta também é uma questão de dignidade de ‘Prussiano’: ‘por que o rei da Prússia não deu a ordem para educar todas as crianças abandonadas?’ Será que o ‘Prussiano’ entende *que* ordem o rei teria que dar? Sem mais nem menos, seria como a ordem para a *destruição do proletariado*. Educar as crianças significa *alimentá-las* e *libertá-las* da necessidade de *ganhar para sua sobrevivência*. Sustento e educação das crianças abandonadas significa a alimentação e educação de *todo o proletariado em crescimento*, significaria a *destruição do proletariado* e do pauperismo.<sup>9</sup>

Vemos a grande importância que Marx dava à criação de possibilidades de alimentação correta para todas as crianças, a oportunidade de viver sem ter que ganhar para si dinheiro para subsistir. Ele considerou que uma tal reforma não seria possível sob o capitalismo. Mas sob a ditadura do proletariado a luta contra o abandono tomaria um lugar importante. Nós liquidamos o abandono de crianças.

Nas *Teses sobre Feuerbach*, de 1845, elaboradas por Marx, no parágrafo 11, ele declarou: “Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras, mas a questão consiste em transformá-lo.”<sup>10</sup>

No parágrafo 3 defendendo o materialismo dialético, a necessidade de uma prática revolucionária, Marx escreveu:

A doutrina materialista que sustenta que as pessoas são produto das circunstâncias e da educação, e que, portanto, as pessoas transformadas são produtos de outras circunstâncias e educação modificada – esta doutrina esquece *que as circunstâncias são mudadas exatamente pelas pessoas e que o próprio educador deve ser educado*.<sup>11</sup>

<sup>9</sup> *Idem*, tomo III, p. 10-11. (ER)

<sup>10</sup> *Idem*, 2ª edição, tomo 3, p. 4. (ER)

<sup>11</sup> *Idem*, p. 2. (ER)

Se nos lembrarmos que, mesmo em 1842, Marx na *Rheinische Zeitung* escreveu que a educação deve ser melhorada, nós entenderemos como a questão preocupava Marx. Em 1845, nas *Teses sobre Feuerbach*, fica claro que neste momento Marx já havia estudado minuciosamente a utopia educacional de Robert Owen, que o levou a uma série de reflexões sobre com qual espírito era necessário transformar a educação das crianças.

Pensando na educação das gerações futuras, Marx em 1845-1846, em *A ideologia alemã*, debatendo com Grün, escreveu: “(...) não é compreensível por que ele não toma a opinião de Fourier sobre a educação, a qual representa o melhor que se tem nesta área e que possui em si observações geniais”.<sup>12</sup>

O educador soviético deve conhecer a utopia de Owen, Fourier.

Em 1845, Engels escreveu seu famoso livro *A situação da classe operária na Inglaterra*. Entre outras coisas, ele escreveu:

(...) a negligência de todas as responsabilidades familiares – especialmente a negligência das crianças – é fenômeno muito frequente entre os operários britânicos e é devido, principalmente, ao moderno regime da sociedade. E ainda querem que as crianças que crescem sem supervisão em ambiente desmoralizante, ao qual pertence a própria família, sejam posteriormente pessoas altamente morais! Uma exigência na verdade ingênua colocada para os operários pelo burguês autossuficiente!

O interesse de Marx sobre questões de educação familiar, pode ser visto a partir das citações do artigo de Jacques Pesce feitas por ele em 1846, sobre o suicídio.

Eis as citações: “A revolução não destruiu todos os tipos de tirania; o mal, que foi criticado no poder autocrático, existe

---

<sup>12</sup> *Idem*, p. 516-517. (ER)

ainda nas famílias; ele desperta aqui explosões semelhantes às revolucionárias”. E mais adiante:

As pessoas mais covardes, incapazes de resistir, se tornam implacáveis ali onde elas podem, como pais, exibir autoridade absoluta. Este abuso é, para eles, a sua remuneração bruta por aquela submissão e dependência, a qual eles voluntariamente ou contra a sua vontade exibem na sociedade burguesa.

Uma propaganda ampla de ideias pedagógicas deve ser realizada entre a população. Deve ser lançada uma ponte entre a educação pública e a familiar.

Sob o capitalismo, há uma nítida divisão entre trabalho intelectual e manual. O trabalho intelectual é privilegiado. Portanto, os capitalistas se preocupam em munir com conhecimento as suas próprias crianças, tentando, ao mesmo tempo, por todos os meios, dificultar o acesso dos filhos de trabalhadores ao conhecimento; o trabalho físico é considerado trabalho sujo, que é inteiramente colocado para os explorados. Na sociedade socialista sem classes, não pode existir tal diferença entre trabalho intelectual e manual.

Marx estuda a técnica do trabalho, o progresso tecnológico, no qual ele vê a base para erradicar a contradição entre o trabalho intelectual e manual, aquela base material que irá contribuir para superar o sistema capitalista.

É interessante a esse respeito, a carta de Marx a Annenkov de 28 de dezembro de 1846, antes do lançamento do *Manifesto comunista*. Nela, Marx escreveu:

Para o senhor Proudhon a divisão do trabalho é uma coisa muito simples. Mas não foi o regime de castas uma divisão do trabalho bem conhecida? Não foi o regime das corporações outro tipo de divisão do trabalho? E a divisão do trabalho do regime da manufatura, que começou em meados do século XVII e terminou em fins do século XVIII na Inglaterra? Não foi também

totalmente distinto da divisão do trabalho da grande indústria, da indústria moderna?

Toda a organização interna das nações, todas suas relações internacionais são por acaso outra coisa que a expressão de certa divisão do trabalho? Não devem mudar com as mudanças na divisão do trabalho?

O senhor Proudhon compreendeu tão pouco o problema da divisão do trabalho, que nem sequer fala da separação da cidade e do campo que na Alemanha, por exemplo, ocorreu do século IX ao XII. Assim, pois, esta separação deve ser lei eterna para o senhor Proudhon, já que não conhece nem sua origem e nem seu desenvolvimento.<sup>13</sup>

Em *A miséria da filosofia* (escrito em 1847), Marx reflete sobre esta questão e observa que “o que caracteriza a divisão do trabalho dentro da sociedade moderna é que ela engendra as especialidades, as distintas profissões e, ao mesmo tempo, gera junto com elas o *idiotismo da profissão*” [grifo de Krupskaya]. Sob idiotismo profissional, Marx subentende a tendência dos operários de cada profissão a se distanciar dos operários das outras especialidades, fechando-se no circuito restrito de pessoas da sua profissão.

Mas, observando este fato, Marx ao mesmo tempo indica como o desenvolvimento futuro da tecnologia ajuda a eliminar este idiotismo. Marx, em *A Miséria da Filosofia*, dá um exemplo do impacto da fábrica automática (não qualquer, só a automática) para o desenvolvimento dos operários:

Ele escreveu:

A divisão do trabalho na fábrica automatizada é caracterizada pelo fato de que o trabalho perde completamente aqui o seu caráter de especialidade. Mas assim que cessa todo o desenvolvimento especial, começa a necessidade de universalidade, sente-

---

<sup>13</sup> *Idem*, tomo XXV, p. 24. (ER)

-se o desejo do indivíduo pelo desenvolvimento multilateral. A fábrica automatizada apaga as especialidades e a peculiaridade delas e o idiotismo da profissão.<sup>14</sup>

Aqui, Marx já se aproximou de perto da questão da educação politécnica, que não tem nada a ver com multiartesanato, mas representa em si aquela soma de conhecimentos teóricos e habilidades práticas, que estão se tornando cada vez mais necessários com o alto desenvolvimento da tecnologia e tornam possível o domínio rápido de qualquer profissão.

Nós acompanhamos quais questões da área de educação pública atraíram Marx no período que antecedeu à escrita do *Manifesto comunista*. No *Manifesto*, elas já são esclarecidas mais sistematicamente.

No livro descreve por onde e como o desenvolvimento social está caminhando, fala sobre a relação entre economia e ideologia, sobre classes, luta de classes, sobre o papel do proletariado nesta luta e a inevitabilidade de sua vitória, sobre a inevitabilidade da substituição do capitalismo pelo comunismo. E, nesse sentido, fala também sobre as questões da educação daquela geração que terá que construir o comunismo. As questões da educação e a sua reestruturação estão intimamente relacionadas com a reorganização de toda a ordem social.

Da mesma maneira que a eliminação da propriedade de classe representa para a burguesia a eliminação da própria produção, assim também a *eliminação do caráter de classe da educação moderna* [ênfase feita por Krupskaya] parece a ela o equivalente à eliminação de toda a educação. *Para a grande maioria, a educação pela qual a burguesia chora não é nada mais do que a conversão desta maioria em máquina.*<sup>15</sup>

<sup>14</sup> *Idem.* tomo 4, p. 391-392. (ER)

<sup>15</sup> *Idem.* 2ª edição. vol. 4, p. 440. (ER)



dominantes de qualquer época sempre foram apenas as ideias da classe dominante.

Ao falar de ideias que revolucionam toda a sociedade, com isso só expressamos o fato de que dentro da velha sociedade foram criados os elementos do novo que, de mãos dadas com a dissolução das antigas condições de vida, levaram também à dissolução das velhas ideias.<sup>18</sup>

Em 1847 foi escrito o *Manifesto comunista*, e só em 1867 foi publicado o trabalho mais essencial, mais famoso de Marx, *O capital*.

Marx desenvolveu nele as mesmas ideias que foram expressas no *Manifesto*, apenas cada pensamento foi fundamentado com muito material. Marx dedica bastante espaço à questão da exploração do trabalho infantil, aos resultados da investigação dos inspetores de fábrica; Marx tenta encontrar no trabalho infantil aquilo que, em seu desenvolvimento com as mudanças das condições, pode se transformar em seu contrário, pode ser um valioso elemento constitutivo da educação na futura ordem social, isto é, a ordem socialista.

Citando no volume I de *O capital*, uma série de fatos que retratam a exploração ilimitada de crianças em fábricas, Marx escreveu:

Selvageria mental produzida artificialmente através da conversão de uma pessoa imatura em uma simples máquina de produção de mais-valia adicional – facilmente distinguível daquela pessoa primitiva, que mantém a mente inculta, sem motivo para prejudicar sua capacidade de desenvolver sua fecundidade natural, – esta selvageria levou, finalmente, até mesmo o Parlamento Inglês a estabelecer o ensino primário como condição obrigatória para o uso ‘produtivo’ das crianças menores de 14 anos de idade em todas as indústrias, subordinadas à legislação trabalhista.<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> *Idem*, 2ª edição, tomo 4, p. 445. (ER)

<sup>19</sup> Marx, K. *O capital*, tomo I, Livro 1, Moscou: Gospolitizdat, 1955. (ER)

Mesmo sendo pobres as cláusulas da Lei Fabril a respeito da educação dos jovens operários, elas mesmo assim declararam a educação elementar como uma condição obrigatória para o uso de trabalho infantil. Seu sucesso pela primeira vez demonstrou a possibilidade de *união do ensino e da ginástica com trabalho* [ênfase de Krupskaya] e, conseqüentemente, também do trabalho físico com o ensino e a ginástica. Os inspetores de fábrica logo aprenderam a partir de depoimentos de professores das escolas, que as crianças de fábricas, embora estudem a metade do tempo dos estudantes regulares, são igualmente bem-sucedidas e às vezes até mais. 'A explicação é muito simples. Aquele que passa metade do dia na escola, sempre fica lépido e quase sempre pronto e capaz para aprender. O sistema de estudos que combina ensino e trabalho físico faz com que cada uma dessas atividades fique distante uma da outra e, portanto, ficam muito mais adequadas para as crianças do que exercícios continuados de uma das duas. O menino que desde o início da manhã fica sentado na escola, especialmente no calor do verão, em qualquer caso, não pode competir com o outro rapaz, que vem jovial e alegre do seu trabalho'.<sup>20</sup>

Outra evidência pode ser encontrada no discurso de Senior dito no Congresso de Sociologia em Edimburgo em 1863. Ele ressalta aqui, entre outras coisas e naquelas circunstâncias, o fato de que o dia escolar monótono improdutivo e longo das crianças em idade escolar nas classes mais altas e médias, sem utilidade, aumenta o esforço dos professores "e, ao mesmo tempo, não só é inútil, mas também provoca danos diretos nas crianças gastando tempo, saúde e energia".

A partir da fábrica, como pode ser visto detalhadamente no trabalho de Robert Owen,

*apareceu o embrião da educação do futuro, que para cada criança acima de uma determinada idade, unirá o trabalho produtivo com*

<sup>20</sup> *Idem*, vol. I, tomo II. Abril Cultural, 1984, p. 86-87. (NT)

*o ensino e a ginástica, e isso será não só um método para aumentar a produção social, mas também o único método de produzir seres humanos desenvolvidos em todas as dimensões [ênfase de Krupskaya].*<sup>21</sup>

Além disso, Marx argumenta que a indústria moderna exige um desenvolvimento multilateral dos operários.

O princípio da grande indústria: qualquer processo de produção, tomado por si e para si, e antes de tudo, sem levar em conta a mão humana, decomposto em seus elementos constituintes, criou toda a ciência moderna da tecnologia. As diferentes formas, aparentemente desprovidas de ligação interna e endurecidas do processo de produção social se transformaram em aplicações das ciências naturais conscientemente planejadas e sistematicamente desdobradas, na dependência do efeito desejado. A tecnologia descobriu igualmente aqueles poucos grupos de formas básicas de movimento, nos quais necessariamente se traduz a atividade produtiva do corpo humano, apesar dos variados instrumentos nela utilizados – da mesma forma que a Mecânica, apesar da grande complexidade de uma máquina, não duvida de que ela reflita a repetição contínua dos procedimentos mecânicos mais simples. A indústria moderna nunca vê e nem trata a forma existente de um determinado processo de produção como definitiva. Por isso, a sua base técnica é revolucionária, ao passo que em todos os modos de produção anteriores, a base era essencialmente conservadora. Por meio de máquinas, processos químicos e outros métodos, ela revoluciona de forma contínua a base técnica de produção e, ao mesmo tempo, revoluciona também as funções dos operários e as combinações sociais dos processos de trabalho. Com isso, ela de modo igualmente constante *revoluciona a divisão do trabalho dentro da sociedade* [destaque de N. K. Krupskaya] e lança sem cessar massas de capital e massas de operários de um ramo de produção para outro. *A natureza da grande indústria, portanto, condiciona a mudança de trabalho, a*

<sup>21</sup> *Idem*, vol. I, tomo II. Abril Cultural, 1984. p. 87. (NT)

*constante mudança de funções (ocupações) e a mobilidade do operário, em todos os sentidos. (...) [Destaques de N. K. Krupskaya].*

A grande indústria, por suas catástrofes, torna para si uma questão de vida ou morte reconhecer as constantes mudanças na esfera do trabalho e, portanto, a maior polivalência possível dos operários como uma lei geral da produção social e adapta as condições sociais à realização normal desta lei.

O fenômeno monstruoso do capitalismo, a existência miserável da população operária que o capital mantém em estoque para as mutáveis necessidades de exploração, deve ser substituído pela disponibilidade absoluta da pessoa para as diferentes exigências do trabalho. Esta mudança é uma questão de vida ou morte para a grande indústria. *O indivíduo fragmentado, mero portador de uma função social parcial, deve ser substituído por um indivíduo desenvolvido integralmente (multilateral), para quem as várias funções sociais são formas de aplicação de sua atividade que se alternam.* (Destaque de N. K. Krupskaya [ER].)

Um acontecimento espontâneo desenvolvido com base na grande indústria, deste momento do processo de revolucionamento, são as escolas politécnicas e agrônômicas, outras são as *écoles d'enseignement professionnel* (escolas profissionalizantes), onde os filhos dos operários recebem algumas informações de tecnologia e conhecimento prático para usar uma variedade de meios de produção. Se a legislação trabalhista, como primeira concessão penosamente arrancada do capital, une ao trabalho fabril apenas um ensino rudimentar, não há dúvida que a conquista inevitável do poder político pela classe operária conquistará também o devido lugar para o ensino teórico e prático nas escolas dos operários. Mas, da mesma forma, não há dúvida de que o modo de produção capitalista e as correspondentes condições econômicas dos operários estão em completa contradição com estes fermentos revolucionários e seu propósito – a eliminação da antiga divisão do trabalho.<sup>22</sup>

<sup>22</sup> *Idem*, vol. I, tomo II. Abril Cultural, 1984, p. 89 e 90. (NT)

Falando sobre a exploração ilimitada de crianças por seus pais, especialmente na empresa familiar, e apontando que o modo capitalista de exploração, destruindo a base econômica correspondente à autoridade parental, a transforma em abuso, Marx diz que “era necessário proclamar o direito das crianças”. “As crianças e adolescentes têm o direito à proteção da lei contra o abuso da autoridade parental, que compromete prematuramente sua força física e degrada sua essência moral e intelectual.”<sup>23</sup>

Marx escreveu em seguida:

É igualmente óbvio que a preparação do pessoal que trabalha combinada por indivíduos de ambos os sexos e dos mais diversos grupos etários – embora em sua forma capitalista espontaneamente brutal, em que o trabalhador comparece para o processo de produção e não o processo de produção para o trabalhador –, fonte pestilenta de degeneração e escravidão, tem, *sob circunstâncias adequadas, de converter-se inversamente em fonte de desenvolvimento humano*. [Ênfase de N. K. Krupskaya].<sup>24</sup>

Lenin também falava sobre a conexão do trabalho produtivo geral com a educação geral numa das suas primeiras obras literárias escritas no final de 1897, – *Pérolas do Projetismo Populista* –, onde ele se opôs fortemente a Yuzhakov, por que este imaginava que isso podia ser feito sob os tsares, que isso poderia ser feito com o dinheiro que os meninos camponeses ganhariam com seu trabalho. Lenin escreveu:

(...) você não pode imaginar a futura sociedade ideal sem a combinação da educação com o trabalho produtivo da geração mais jovem: nem educação e ensino sem trabalho produtivo, nem o trabalho produtivo sem a educação e ensino, paralelos.

<sup>23</sup> Marx, K. e Engels, F. *Obras completas*. 2ª edição. vol. 23, p. 500. (ER)

<sup>24</sup> Marx, K. *O capital*. vol. I, tomo II. Abril Cultural, 1984, p. 91. (NT)

poderiam ser colocados na altura exigida para o nível atual da técnica e estado do conhecimento científico.<sup>25</sup>

Isto também é referido no parágrafo 12 do nosso programa do partido.

O Comissariado da Educação Pública tentou desde o começo realizar a conexão da educação com o trabalho produtivo, mas a devastação econômica, o baixo nível de tecnologia, a falta de programas claramente reelaborados no espírito do marxismo, a separação da teoria e da prática na educação, impediu a formulação adequada de ensino politécnico, levaram-na ao multiartesanato, à diminuição do nível educacional dos estudantes.

Agora o nosso país tornou-se o País dos Sovietes, um país socialista, um país de alta tecnologia, o país do movimento do stakhanovismo,<sup>26</sup> o país onde as grandes massas de operários estão com sede de conhecimento, onde na prática se realizam as orientações de Marx no campo da educação pública.

---

<sup>25</sup> Lenin, V. I. *Obras completas*. tomo 2, p. 440. (ER)

<sup>26</sup> O *stakhanovismo* foi um movimento que nasceu na União Soviética por iniciativa do mineiro Alexei Stakhanov e que defendia o aumento da produtividade operária com base na força de vontade dos operários. (NT)